

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

FACULDADE DE LETRAS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGÜÍSTICOS

TAINÁ MARCELLE SILVA MOREIRA

**A NEOLOGIA SEMÂNTICA COMO PROCESSO DE FORMAÇÃO DE
PALAVRAS: IMPLICAÇÕES NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA**

BELO HORIZONTE

2020

TAINÁ MARCELLE SILVA MOREIRA

**A NEOLOGIA SEMÂNTICA COMO PROCESSO DE FORMAÇÃO DE
PALAVRAS: IMPLICAÇÕES NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Linguística Aplicada.

Área de Concentração: Linguística Aplicada

Linha de Pesquisa: Ensino de Português

Orientador: Prof. Dr. Aderlande Pereira Ferraz

Belo Horizonte

Faculdade de Letras da UFMG

2020

Ficha catalográfica elaborada pelos Bibliotecários da Biblioteca FALE/UFMG

M838n Moreira, Tainá Marcelle Silva.
A neologia semântica como processo de formação de palavras
[manuscrito] : implicações no ensino de língua portuguesa / Tainá Marcelle
Silva Moreira. – 2020.
94 f., enc. : il., p&b.

Orientador: Aderlande Pereira Ferraz.

Área de concentração: Linguística Aplicada.

Linha de pesquisa: Ensino de Português.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais,
Faculdade de Letras.

Bibliografia: f. 91-94.

1. Língua portuguesa – Estudo e ensino – Teses. 2. Língua portuguesa –
Neologismos – Teses. 3. Língua portuguesa – Formação de palavras –
Teses. 4. Língua portuguesa – Lexicologia – Teses. 5. Língua portuguesa –
Semântica - Teses. I. Ferraz, Aderlande Pereira. II. Universidade Federal
de Minas Gerais. Faculdade de Letras. III. Título.

CDD : 469.2



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGÜÍSTICOS



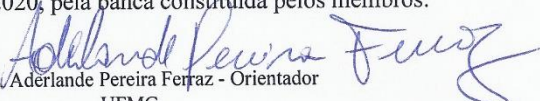
FOLHA DE APROVAÇÃO


A NEOLOGIA SEMÂNTICA COMO PROCESSO DE FORMAÇÃO DE PALAVRAS: IMPLICAÇÕES NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA

TAINÁ MARCELLE SILVA MOREIRA

Dissertação submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em ESTUDOS LINGÜÍSTICOS, como requisito para obtenção do grau de Mestre em ESTUDOS LINGÜÍSTICOS, área de concentração LINGÜÍSTICA APLICADA, linha de pesquisa Ensino de Português.


Aprovada em 18 de fevereiro de 2020, pela banca constituída pelos membros:


Prof(a) Aderlande Pereira Ferraz - Orientador
UFMG


Prof(a). Miriam Cristiany Garcia Rosa
UNILA


Prof(a). Geraldo José Rodrigues Liska
UFMG

Belo Horizonte, 18 de fevereiro de 2020.


Prof(a) Ana Larissa Adorno Marcio de Oliveira
Subcoord. Programa de Pós-Graduação
em Estudos Linguísticos
FALE/UFMG

Aos meu pais, Ilma e Marcos.

Agradecimentos

À UFMG, por me oferecer educação de qualidade e gratuita;

À CAPES, pelo apoio financeiro que me permitiu realizar este trabalho;

Ao Prof. Dr. Aderlande Pereira Ferraz, meu orientador, pela generosidade em compartilhar seus conhecimentos e pela paciência ao me guiar durante a realização desta pesquisa. Agradeço também por ter me apresentado os estudos lexicais e por ter me incentivado tanto durante todos esses anos de orientação.

Aos meus pais, Ilma e Marcos, razões de minha existência, por terem guiado meus caminhos até aqui, pelos valores que me ensinaram e por terem me criado no caminho do amor.

Ao Vitor, pelo apoio incondicional em mais essa etapa de minha vida. Caminhar ao seu lado é mais doce.

Aos professores: Dra. Miriam Cristiany Garcia Rosa, Dr. Geraldo José Rodrigues Liska e Dra. Maria Cândida Trindade Costa Seabra, por terem aceitado o convite para compor a banca examinadora.

No descomeço era o verbo.

Só depois é que veio o delírio do verbo.

*O delírio do verbo estava no começo, lá onde a
criança diz: Eu escuto a cor dos passarinhos.*

*A criança não sabe que o verbo escutar não funciona
para a cor, mas para o som.*

*Então se a criança muda a função de um verbo, ele
delira.*

E pois.

*Em poesia que é voz de poeta, que é a voz de fazer
nascimentos _____*

O verbo tem que pegar delírio.

Manoel de Barros.

RESUMO

Esta pesquisa tem por objetivo reconhecer e reafirmar a neologia semântica como um processo de formação de palavras no português brasileiro, bem como discutir de que forma o seu estudo contribui para o desenvolvimento da competência lexical, isto é, a capacidade de reconhecer, interpretar, formar e estabelecer relações entre as palavras, de alunos do Ensino Médio. A neologia semântica é um processo que forma novas unidades lexicais reaproveitando estruturas morfofonológicas já existentes em determinada língua, modificando apenas o seu sentido. A acepção neológica pode estar relacionada ou não às acepções já cristalizadas. Em caso positivo, trata-se de uma ocorrência de polissemia, em caso negativo, tem-se uma ocorrência de homonímia. Os neologismos semânticos que compõem o *corpus* deste trabalho foram coletados em peças publicitárias da revista noticiosa *Veja*, no período de 2015 a 2017. O texto publicitário, por sua grande expressividade comunicativa e objetivo persuasivo, é campo fértil para a produção de palavras novas, o que faz com que esteja adequado aos fins desta pesquisa. Além disso, é um gênero de grande relevância para o estudo em sala de aula, pois é parte do cotidiano dos alunos em diversas modalidades e possibilita um vasto trabalho de leitura crítica. Quanto ao ensino do léxico, discutimos o lugar marginal deste no ensino de língua materna atualmente, bem como as diretrizes do principal documento que orienta os currículos escolares no Brasil, a BNCC, para tal assunto. Por fim, elaboramos algumas propostas didáticas, que podem ser aplicadas em sala de aula, que utilizam o estudo da neologia semântica como ferramenta para o desenvolvimento da competência lexical.

Palavras-chave: Neologia Semântica, Formação de Palavras, Competência Lexical, Publicidade.

ABSTRACT

The objectives of this work are twofold, it seeks to recognize and to reaffirm semantic neologisms as a process of word formation in Brazilian Portuguese, as well as to discuss the contributions of studying the matter at hand for developing the lexical competence of high school students, which is the competence involved on the recognition, interpretation and ability to create new words and establish connections between words and word formation processes. Semantic neologisms are the results of the process of creating new words using morphological and phonological structures already found in the language changing their meaning and only their meaning. The new found meaning of the words resultant of this process may or may not be related to the meanings previously attached to the lexical items now transformed. Being that the case, the words will have a polysemic relation, otherwise the words are considered homonyms. The semantic neologisms found in this work were collected from advertisements printed on the news magazine *Veja* from 2015 to 2017. Advertisements are a great source of neologisms given that they tend to be expressive on their ways of communicating to and persuading their target audiences, and therefore are a good fit for the purposes of this research as well as for use in the classroom, since advertisements are ever so present on the lives of the students in a multiplicity of ways, providing relevant material for the development of critical reading in the classroom. As far as bringing the discussion about the relevance of studying the lexicon in the classroom, this work shows the marginal approach currently given to the matter despite its presence on the BNCC, which is the main document that dictates the curriculum of Brazilian schools. Finally, this work proposes some classroom activities that use semantic neologisms as tool for the development of the lexical competence of students.

Keywords: Semantic neologisms, Word formation, Lexical competence, Advertisement.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Capa do livro Português Contemporâneo	31
Figura 2: Publicidade “Ideal”	32
Figura 3: Publicidade “Cozinhatapia”	34
Figura 4: Orientações ao professor	35
Figura 5: Publicidade “Bom negócio”	37
Figura 6: Exercícios efeito de sentido	38
Figura 7: Exercícios ambiguidade	38
Figura 8: Capa “Português – contexto, interlocução e sentido”	39
Figura 9: Exercícios relações lexicais	40
Figura 10: Exercícios formação de palavras	42
Figura 11: Capa do livro “Ser Protagonista”	43
Figura 12: Exercícios prática de linguagem	45
Figura 13: Quadro neologismos	46
Figura 14: Capa do livro “Português – linguagem e interação”	47
Figura 15: Exercícios composição por aglutinação	51
Figura 16: Exercícios composição	51
Figura 17: Publicidade “arrastar”	59
Figura 18: Propaganda “pet”	60
Figura 19: Organização curricular do Ensino Médio	74

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Neologismos semânticos na publicidade impressa	62
Quadro 2: Habilidades do componente de Língua Portuguesa relacionados ao léxico	76

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BNCC – Base Nacional Comum Curricular

LD - Livro didático

PNLD – Programa Nacional do Livro Didático

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	13
CAPÍTULO 1 – QUADRO TEÓRICO E METODOLOGIA.....	17
1.1 Léxico e Cultura	17
1.2 Neologia e Neologismo	19
1.3 Neologia Semântica	19
1.3.1 Caracterização do fenômeno.....	20
1.3.2 Polissemia	22
1.3.3 Homonímia	25
1.3.3.1 Polissmia X Homonímia	26
1.3.4 Como surgem os significados?.....	27
1.3.5 Neologia semântica, polissemia, homonímia e mecanismos de mudança de significado	28
1.4 Metodologia	29
CAPÍTULO 2 – ANÁLISE DE LIVROS DIDÁTICOS	31
CAPÍTULO 3 – A NEOLOGIA SEMÂNTICA COMO PROCESSO DE FORMAÇÃO DE PALAVRAS	55
3.1 Análise do corpus	56
3.2 A neologia semântica como processo de formação de palavras	66
3.3 A neologia semântica nas gramáticas escolares	67
CAPÍTULO 4 – A NEOLOGIA SEMÂNTICA E O DESENVOLVIMENTO DA COMPETÊNCIA LEXICAL	73
4.1 O lugar do léxico no ensino de língua portuguesa	73
4.2 O lugar do léxico nos documentos oficiais	75
4.3 O ensino do léxico e o desenvolvimento da competência lexical	83
4.4 Considerações sobre o gênero publicitário	86
4.4.1 O termo publicidade	86
4.5 Sugestões de atividades	88
4.5.1 Comentários sobre as atividades	89
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	92
REFERÊNCIAS.....	95

INTRODUÇÃO

É em torno do léxico que a comunicação se dá, é ele que nos fornece os itens necessários – as palavras - para que consigamos dizer o que queremos. A gramática importa, sim, é ela a responsável pela estrutura da língua, mas apenas com ela não se estabelece comunicação, pois são as palavras que carregam as informações necessárias. São elas que, combinadas, possuem os significados que procuramos.

Além da questão comunicativa, o léxico é a ponte entre os sistemas linguístico e extralinguístico. Mudanças também ocorrem na gramática de uma língua ao longo do tempo, mas estas são mais evidentes no léxico. Nós, enquanto seres humanos, precisamos categorizar as coisas do mundo para que possamos compreendê-lo e interagir com ele, nós “lemos” o mundo através da língua que falamos. Contudo, esse mundo não é estável, ele muda com muita rapidez. Surgem novas tecnologias, novos objetos, novos conceitos, etc. e, claro, para que possamos lidar com eles, precisamos nomeá-los. Essa necessidade humana está diretamente relacionada ao léxico, pois é ele o responsável por fornecer as peças para que possamos construir novas palavras. É ele que se expande com frequência para conseguir acompanhar as novas demandas sociais.

Neste trabalho, o conceito de palavra nos é muito caro. Adotamos aqui, de acordo com Biderman (1999, 2001), a visão de que a palavra, no português brasileiro, seria correspondente à unidade semântica mínima do discurso.¹ Consideramos, então, que para criar uma nova palavra não é necessário modificar a sua estrutura formal. A este processo de formação de palavras damos o nome de neologia semântica, o qual se relaciona diretamente com outros conceitos como a polissemia e a homonímia.

Ora, se o léxico possui um papel tão central assim nas línguas, o mais natural seria que no ensino de língua, nas escolas, ele ocupasse também essa posição. Como Antunes (2012) nos mostra, não é bem esse o cenário que encontramos atualmente. O ensino de português ainda privilegia a gramática e quase não aborda conteúdos lexicais. Mas, além disso, a autora aponta que os aspectos formais e a nomenclatura são os conteúdos que recebem mais destaque. Enquanto isso, o estudo dos sentidos permanece marginal e superficial.

¹ Este conceito será abordado no capítulo 3 deste trabalho.

Na introdução de seu livro *O mundo dos sentidos em português – polissemia, semântica e cognição*, Silva (2006) aponta que os estudos do significado, apesar de interessarem filósofos na Antiguidade e filólogos até o princípio do século XX, foram marginalizados pelas duas principais correntes teóricas depois do surgimento da Linguística, o estruturalismo e o gerativismo. Para o autor, com o advento da Linguística Cognitiva, a semântica voltou a ter uma certa centralidade.

Isso parece condizer com a realidade que encontramos quando observamos as salas de aula de português no Brasil. Infelizmente, o nosso modelo de ensino não acompanhou o avanço dos estudos teóricos e ainda se baseia muito nas teorias da segunda metade do século passado.

O descompasso entre a realidade encontrada nos livros didáticos e gramáticas escolares e as pesquisas foi uma das justificativas para esta pesquisa. Chamou-nos atenção o fato de os estudos na área do léxico e da semântica mostrarem a relevância da neologia semântica e tratarem-na como um processo de formação de palavras, mas ela não estar presente na maioria dos manuais didáticos e, quando presente, ser abordada de maneira superficial e não como um processo de criação de novas unidades lexicais.

A segunda justificativa para esta pesquisa foi resultado de uma observação prática, que também aparece descrita na literatura, como em Antunes (2012). No contato com alunos da segunda metade do Ensino Fundamental e do Ensino Médio, em sala de aula, percebemos que a maior dificuldade apresentada por eles estava relacionada ao sentido das palavras, principalmente conseguir inferir o significado de uma palavra desconhecida por eles em determinado contexto de uso. Essa dificuldade em alunos já avançados no ensino denota uma falha no desenvolvimento da competência lexical², algo que atrapalha a compreensão e a produção de textos, sejam eles orais ou escritos, formais ou informais. A partir dessa observação, percebemos que a marginalização do ensino do léxico tem deixado lacunas na formação de nossos alunos.

Baseado no que foi descrito até aqui, o objetivo deste trabalho é estabelecer o lugar da neologia semântica nos processos de formação de palavras, de forma a comprovar a relevância dos estudos semânticos em sala de aula. Quando aos objetivos específicos, com este trabalho almejamos: i) comprovar que a neologia semântica é um processo de formação

² Conceito abordado no Capítulo 4 deste trabalho.

de palavras, tal qual os demais contemplados nos livros didáticos e manuais de gramática; ii) evidenciar a produtividade deste processo no português brasileiro, e iii) propor atividades pedagógicas que tenham como objetivo o desenvolvimento da competência lexical dos alunos e que se utilizem da neologia semântica como processo de formação de palavras.

Para alcançar esses objetivos, dividimos este trabalho em quatro capítulos, que serão brevemente descritos a seguir.

No primeiro capítulo estão definidos os conceitos principais que permeiam esta pesquisa. Conceituamos primeiramente léxico, léxico mental, léxico real e léxico virtual. Em seguida, abordamos o que é um neologismo e fizemos uma discussão mais aprofundada sobre a neologia semântica, como ela é definida por uma seleção de pesquisadores e qual o conceito final que chegamos para os fins deste trabalho. Também contemplamos os conceitos de polissemia e homonímia, como eles surgem e qual a relação entre eles e deles com a neologia semântica. O primeiro capítulo também contém a metodologia que guiou a pesquisa, como estabelecemos o nosso *corpus* e qual critério utilizamos para estabelecer uma lexia como neologismo semântico.

O segundo capítulo abriga uma análise de livros didáticos destinados ao Ensino Médio aprovados pelo último PNLD. Por causa do tema da pesquisa, consideramos relevante analisar os capítulos referentes aos conteúdos de formação de palavras e de relações semânticas. Avaliamos não apenas a parte teórica destes capítulos, mas também os exercícios, para tentar traçar um padrão das atividades presentes nesses livros.

No terceiro capítulo, realizamos uma análise do corpus de neologismos semânticos retirados da publicidade impressa. Discutimos como os neologismos encontrados se formaram e, além disso, discutimos também o conceito de palavra e como a neologia semântica pode ser considerada um processo de criação de novas unidades lexicais. Posteriormente, comparamos essa análise com a abordagem do tema feita por três gramáticas escolares. Comparamos também o que foi observado nas gramáticas com o que foi encontrado nos livros didáticos, apontando as diferenças e semelhanças entre esses materiais.

Por fim, no quarto capítulo, debruçamo-nos sobre o aspecto pedagógico desta pesquisa. Discutimos sobre o lugar do ensino de léxico atualmente no Brasil, comentamos sobre a presença dos estudos lexicais na BNCC e quais são as perspectivas para o futuro

com base nas orientações do documento sobre o assunto. Discorreremos também sobre o gênero publicitário e as suas características, já que ele é de onde retiramos as nossas ocorrências. Além disso, abordamos as orientações da BNCC quanto ao estudo deste gênero ao longo do percurso curricular. Encerramos com propostas pedagógicas que são sugestões de como podemos aproveitar, na prática, os neologismos semânticos e trabalhar uma série de outros conteúdos a partir deles.

Esperamos que esta pesquisa possa contribuir de alguma forma para o desenvolvimento dos estudos lexicais, para uma maior inclusão do ensino de léxico nas aulas de português e para o aperfeiçoamento de práticas pedagógicas.

CAPÍTULO 1

QUADRO TEÓRICO E METODOLOGIA

Neste capítulo, temos por objetivo discorrer sobre os principais conceitos que permeiam este trabalho. É importante para as análises feitas a seguir que esteja claro o que aqui entendemos por léxico, neologismo, neologismo semântico, polissemia e homonímia. Outras noções também igualmente relevantes serão abordadas em seus respectivos capítulos. Além disso, neste capítulo também discutiremos a metodologia utilizada neste trabalho.

1.1 - Léxico e cultura

Sabemos que, de todos os níveis linguísticos, o léxico é o que mais se relaciona com o mundo extralinguístico. Ele é comumente conceituado como o conjunto de palavras de uma língua tanto no senso comum, quanto em abordagens mais tradicionais dos estudos linguísticos. (cf. BASÍLIO, 2004)

No entanto, Basílio (2004) afirma que os estudos mostram que o léxico é um componente organizado, com padrões recorrentes e, sobretudo, é um sistema aberto, que se expande frequentemente. De acordo com a autora, o léxico está ligado às duas funções da língua, classificação e comunicação. Ele se relaciona à comunicação porque, por se tratar de um banco de dados, fornece as unidades básicas para a construção de textos. E está ligado à classificação porque é o léxico quem categoriza essas unidades, ou seja, é nele que estão armazenadas e organizadas as palavras que utilizadas para denominar coisas, conceitos, lugares, ações, etc.

O léxico é, então, a parte da língua que se ocupa das palavras e pode ser definido como o conjunto de palavras da língua mais o conjunto de regras que coloca essas palavras em funcionamento. Essas regras estão na mente do falante e são acessadas no momento da comunicação.

Villalva e Silvestre (2014) acrescentam:

“O léxico de uma língua é, pois, uma entidade abstrata que se obtém por acumulação: às palavras em uso por cada falante, no seio de uma dada comunidade de falante, juntam-se as palavras em uso por outras comunidades linguísticas falantes da mesma língua; às palavras em uso na contemporaneidade, somam-se as que tiveram em uso em sincronias passadas, de que temos notícia pela documentação escrita e que, por vezes ressurgem; aos dados da escrita, unem-se os da oralidade, quando é possível apreendê-la, dada a muito maior fluidez da oralidade face à escrita.” (p. 23)

A partir do trecho acima, é possível entender que os autores enxergam o léxico como uma construção coletiva que relaciona falantes, modos de comunicação e temporalidade. A porção do léxico dominada por cada falante, à qual os autores se referem, é chamada de léxico mental. Nele, estão parte do léxico real da língua, isto é, aquele subconjunto de palavras do léxico geral que determinado falante conhece e utiliza, mas também o léxico virtual, a face abstrata do léxico que contém todas as regras lexicais de formação, interpretação e reconhecimento de palavras. São os padrões que possibilitam a estruturação e a categorização feitas pelo sistema léxico.

Ainda quanto às definições, Biderman (2001) também conceitua o léxico por esse viés da soma, mas considera um outro aspeto:

“Qualquer sistema léxico é a somatória de toda a experiência acumulada de uma sociedade e do acervo de sua cultura através das idades. Os membros dessa sociedade funcionam como sujeitos-agentes, no processo de perpetuação e reelaboração contínua do Léxico de sua língua.” (p. 179)

A autora adiciona à equação o fator cultura, pois considera as experiências de um povo ao longo do tempo e os valores partilhados por ele algo determinante para a construção do léxico da língua. Mais adiante, ela afirma “As mudanças sociais e culturais acarretam alterações nos usos vocabulares” (BIDERMAN, 2001, p. 179). Com isso, a autora sinaliza a estreita relação que há entre léxico e cultura. O léxico de uma língua se renova ao longo do tempo, através da ação de seus falantes, para acompanhar as transformações sociais e culturais, para nomear os novos conceitos e objetos que surgem. É assim que o léxico que se expande, a partir da necessidade da sua comunidade falante.

Ainda sobre a relação léxico e cultura, Biderman (2001) cita uma passagem de Sapir (1949):

“Os seres humanos não vivem só no mundo objetivo, ou só no mundo no mundo da atividade social como normalmente se admite, mas vivem quase totalmente à mercê da língua específica que se tornou o meio de expressão para a sua sociedade. É bem ilusório imaginar que alguém possa fundamentalmente ajustar-se à realidade sem o uso da linguagem e que a língua seja apenas um recurso qualquer para resolver problemas específicos de comunicação e reflexão. O fato é que ‘o mundo real’ é, em grande parte, construído inconscientemente sobre as bases dos hábitos linguísticos do grupo. (...)” (p. 110)

Esse trecho evidencia como a língua é determinante para a construção da visão de mundo do falante. Línguas diferentes representam realidades sociais diferentes e, claro, isso tem implicações no léxico, pois ele é o sistema que armazena e organiza os nomes dados aos objetos, aos conceitos às ações. Por isso, cada língua possui seu sistema léxico, porque ele será

diferente a cada nova realidade social e cultural. Estudar léxico é também estudar a cultura e a história de um povo.

Sabemos também que a expansão lexical é um processo constante e comum às línguas naturais. Esse processo acontece de maneira estruturada e obedecendo às regras lexicais de formação, reconhecimento e interpretação de palavras. A expressão mais evidente desta renovação lexical são os neologismos, as palavras novas criadas pelos falantes para satisfazer alguma necessidade comunicativa ou ganhar mais expressividade no discurso.

1.2 – Neologia e Neologismo

A criação lexical pode ser considerada como a forma mais comum de renovação do léxico. As palavras novas são criadas para, dentre outras coisas, acompanhar as mudanças sociais e ideológicas de um tempo e de um povo, ou seja, há uma demanda constante de novos conceitos que precisam ser nomeados, descritos. Como visto no capítulo anterior, o léxico é um nível da língua que possui seus padrões organizacionais e regras, portanto, as novas unidades lexicais não são criadas aleatoriamente, mas sim seguindo as estruturas previstas no sistema. O nome “neologia” é dado aos processos que originam as novas palavras que, por sua vez, são chamadas de “neologismos”.

A neologia é dividida, de maneira geral, em três grandes processos (cf. FERRAZ, 2006), a saber, neologia formal, neologia semântica ou de sentido e neologia por empréstimo. O primeiro é, na verdade, uma espécie de “guarda-chuva” que abarca outros processos, que têm em comum o fato de operarem os processos internos da língua, trabalhando com os níveis morfológico, fonológico e sintático. O último resulta do contato entre sistemas linguísticos distintos, que importam elementos um do outro. A neologia semântica é tema da próxima seção deste capítulo. Já os neologismos – produtos dos diferentes processos de neologia - podem ser estilísticos, quando são efêmeros e criados visando a uma maior expressividade comunicativa, ou denominativos, quando criados por uma necessidade de nomear realidades ou objetos e, por isso, tendem a permanecer na língua.

1.3 – Neologia Semântica

Como o próprio nome sugere, este processo opera o nível do sentido – ou do significado, pois neste trabalho estes termos são sinônimos -, e origina os neologismos semânticos. Alves (1990) conceitua o neologismo semântico como aquele que ocorre “quando se verifica uma mudança no conjunto de semas referentes a uma unidade léxica.” (p. 62) É possível interpretar,

a partir da definição da autora, que é importante considerar e avaliar toda a rede de significação da unidade lexical e não apenas os significados mais frequentes, mais conhecidos. Ainda segundo a autora, “qualquer transformação semântica manifestada num item lexical ocasiona a criação de um novo elemento.” (p. 62), isto é, a mudança semântica não precisa ser total, não é necessário que seja criado um significado totalmente diferente daqueles que já pertencem à rede semântica de determinada unidade lexical, basta que haja qualquer mudança em um dos significados dessa rede. Ferraz (2010a) define este tipo de neologismo como “formações neológicas que se dão sem qualquer alteração formal em unidades léxicas já existentes (p. 67)”. Valente (2014) apresenta uma definição bem semelhante: “corresponde ao emprego de um significante que já existe na língua (...), conferindo-lhe um conteúdo que ele não tinha até então.” (p. 50) Essas duas conceituações levam em conta o caráter de reutilização desse processo, já que ele aproveita uma forma já amplamente validada pela comunidade falante. A neologia semântica é uma evidência da economia linguística, pois ao invés de se sobrecarregar com a criação de novas formas e de novos significados, o léxico permite que o falante reaproveite integralmente as formas já existentes para criar novas palavras alterando-se apenas o significado.

O conceito de neologismo semântico aqui adotado é o mesmo que Alves (1990), Ferraz (2010) e Valente (2014) compartilham. No entanto, por conta das especificações metodológicas detalhadas a seguir, é possível elaborar uma outra definição tanto para a neologia de sentido, quanto para o seu produto, o neologismo semântico, que contemple melhor os objetivos desse trabalho.

A neologia semântica seria um processo que forma a palavras a partir da reutilização de estruturas formais já existentes na língua, alterando apenas o seu significado, seja total ou parcialmente. O neologismo semântico é uma palavra nova cuja forma se encontra dicionarizada na seleção de dicionários aqui adotada, mas cujo sentido não está contemplado nas acepções registradas por esses livros.

1.3.1 – Caracterização do fenômeno

Valente (2014) apresenta a classificação elaborada por Guilbert (1973) para descrever o fenômeno da neologia semântica. Para o autor francês, existem três formas de neologia semântica: a linguagem figurada, a neologia por conversão e a neologia sociológica.

A linguagem figurada seria aquela que se dá através de operações como a metáfora, a comparação e a metonímia, que alteram em parte um significado já existente. A neologia por conversão é aquela em que há uma alteração semântica em decorrência de uma alteração gramatical do significante, em determinado contexto de uso. Por fim, a neologia sociológica é aquela em que uma unidade lexical migra de um contexto em que é um termo técnico para ser incorporada ao léxico comum da língua.

Relacionando essa classificação às ocorrências encontradas no *corpus* deste trabalho, o que se pode observar é uma predominância dos casos de linguagem figurada (“rótulo”, “arrastar”, “combustível”, “esquentou”, etc. Ver capítulo 3), mas também há alguns casos de neologia sociológica (“DNA”, “HD”, “Desktop”. Ver capítulo 3). Nenhuma ocorrência de neologia por conversão foi encontrada nas peças publicitárias analisadas.

Alves (1990) utiliza uma classificação semelhante à de Guilbert (1973), descrevendo neologismos semânticos formados por operações como metáfora e metonímia e também aqueles que além de termos técnicos, passam a compor a língua geral. Carvalho (2012) também menciona este último processo.

Contudo, ao analisarmos a classificação de Guilbert (1973), percebemos duas coisas. A primeira é a que chamada neologia por conversão, apesar de ser considerada pelo autor como um processo de neologia semântica, tem como principal característica um critério morfossintático (a classe gramatical e o emprego sintático da palavra na frase). A segunda é que, em muitos casos, a neologia sociológica acontece porque há um processo metafórico ou metonímico por trás. Ao migrar de um vocabulário especializado para o léxico comum, a unidade lexical sofre alterações para que deixe de ser um termo opaco e passe a ter um significado mais transparente. Portanto, a neologia sociológica pode ser considerada como um exemplo de linguagem figurada também. Por estas razões, não adotamos essa classificação para a realização da análise aqui proposta.

Buscando descrever melhor o fenômeno, podemos citar novamente Ferraz (2010a), que sinaliza que a neologia semântica se trata de uma expansão de sentido (p. 67) A partir de tal afirmação, é possível depreender que, para o autor, existe uma relação entre o significado neológico e o(s) significado(s) dicionarizados, como se um derivasse do outro.

Carvalho (2012), quando descreve a neologia semântica, também partilha dessa ideia:

“O significado é considerado como sendo um núcleo de onde partem várias conotações. As conotações ampliam o campo significativo da palavra, pois toda palavra abrange uma rede de significações, que forma o campo associativo da palavra (p. 24)”.

Pelo o que se pode interpretar a partir deste trecho, a autora também considera se trata de uma expansão de sentido, ou seja, que um significado deriva de outro que é primitivo e afirma que a significação se estrutura de forma a constituir redes que possuem um elemento nuclear (mais prototípico, mais frequente) e outros elementos periféricos (menos prototípicos, menos frequentes).

Biderman (2001) afirma que os estudos lexicais e semânticos entendem há tempos que os significados se estruturam dessa maneira, porém, faz uma ressalva a esse modelo, afirmando que ele pode sugerir que os significados não nucleares são sempre derivados de um outro significado primitivo, mas que isso nem sempre é verdade. Segundo ela, é preciso prestar atenção também na evolução histórica dos campos semânticos, porque um significado periférico pode vir a se tornar nuclear.

No *corpus* analisado, é possível encontrar ocorrências que se tratam de uma expansão de sentido, mas há duas ocorrências em que não é possível encontrar essa relação primitivo-derivado. Essas observações levam a uma reflexão sobre a relação da neologia semântica com os fenômenos da polissemia e da homonímia.

1.3.2 – Polissemia

Segundo Carvalho (2012), “a polissemia é um traço fundamental da fala humana, o que nos dá liberdade de pensamento e de expressão (p. 25)”. A polissemia é, portanto, um fenômeno inerente às línguas naturais, que facilita a comunicação e impede a sobrecarga do sistema linguístico. A afirmação de Carvalho (2012) é interessante porque aponta o caráter criativo da polissemia, que dá aos falantes a possibilidade de serem criativos e explorarem o potencial semântico das palavras, criando novas unidades lexicais reutilizando as mesmas formas para significar coisas distintas.

Silva (2006), ao afirmar que a polissemia é uma propriedade linguisticamente necessária, conceitua o termo “associação de dois ou mais sentidos relacionados numa única forma linguística (p. 1)”. Afirma também que o termo foi cunhado pelo filólogo francês Michel Bréal, em 1897, em seu *Essai de Sémantique*. Segundo Silva (2006), esse ensaio inaugurou uma nova tradição de estudos da polissemia, pois esta deixou de ser estudada apenas como um

fenômeno de mudança linguística e passou a ser entendida como um fenômeno de *uso* linguístico, da aquisição e do progresso da linguagem, do pensamento e da sociedade.

Voltando à definição do autor português, a polissemia é linguisticamente necessária não apenas pela questão da sobrecarga do sistema linguístico, mas porque sem ela a língua seria estática. Ou seja, a polissemia está no cerne da evolução das línguas naturais. A definição que ele apresenta é interessante também por dois aspectos. O primeiro deles é que, para ser considerado um caso de polissemia, os sentidos precisam estar relacionados. Isso significa dizer que se trata de um caso de derivação ou, em outras palavras, de uma expansão de sentido – a mesma da qual fala Ferraz (2010a) ao descrever a neologia semântica. O segundo aspecto é relacionado à escolha por dizer “forma linguística” ao invés de “palavra”, como em muitas definições comumente encontradas. Ao utilizar “forma linguística”, é possível entender que o autor se refere à forma estrutural, isto é, a uma sequência morfofonológica e que ele compreende palavra como uma associação, uma combinação de forma e sentido. O autor afirma também que, para se estudar a polissemia, é preciso considerar três aspectos, a linguagem, a cognição e a cultura. (p. 9)

Silva (2006) realiza sua análise a partir do viés cognitivista e faz considerações importantes sobre a significação antes de descrever propriamente a polissemia. O autor entende os itens lexicais como categorias conceituais radialmente organizadas em torno de um centro prototípico e inter-relacionados por meio de princípios cognitivos gerais, como a metáfora, a metonímia, a generalização e a especialização. Para ele, o significado não é fixo, mas sim flexível, moldado de acordo com uma concepção processual e experiencial. O processo de criação de sentido é fundamentado na experiência humana.

Segundo o mesmo autor, a Semântica Cognitiva retoma alguns interesses da semântica histórica pré-estruturalista. Ambas as áreas partilham de uma concepção psicológica do significado e também enciclopédica, no sentido de que o significado é considerado como intrinsecamente conectado à experiência individual, cultural, social e histórica dos falantes.

Ferraz (2010a) aponta que este pressuposto é uma das bases da Semântica Cognitiva. A partir dessas interações corpóreas com o ambiente em que se está inserido, o ser humano consegue, por meio de mecanismos cognitivos (metáfora, metonímia, generalização e especialização), fazer abstrações para compreender o mundo e as relações nas quais ele está inserido.

O autor português considera também que o significado lexical é dependente do contexto, já que afirma que “um único significado geral não permite predizer todo o conjunto de usos específicos convencionalizados de uma palavra.” (p. 6) Ou seja, um único significado generalista não conseguirá abarcar todas as nuances que estão presentes em cada contexto de uso da unidade lexical.

Ferraz e Liska (2019) também apontam a relação de dependência entre significado e contexto, mas vão além e afirmam que o contexto de uso desencadeia a polissemia. Para os autores, pode-se perceber dois níveis na polissemia, um em que estariam os significados mais usuais, que constituem a identidade semântica de determinado item lexical, e um outro nível no qual se percebem as variantes desses significados usuais, isto é, as variantes contextuais. Nas palavras dos autores:

“Cabe salientar, assim, que o contexto de uso é um fator desencadeador da polissemia e, para certas lexias, somente tal contexto é que realmente aponta a variação de sentidos. Isto é, enquanto percebemos, em muitas lexias, a variação de sentidos já estabelecida, para outras, essa variação é imprevisível, ficando o sentido a depender da relação entre as lexias no contexto em que ocorrem.” (FERRAZ e LISKA, 2019, p. 154)

Quanto à descrição do fenômeno da polissemia, Silva (2006) faz algumas pontuações. A primeira delas é que a polissemia é um fenômeno de estruturação semasiológica das palavras. (p. 13) Isso significa dizer que ele parte da forma em direção ao significado, pois mantém a estrutura morfofonológica e propõe um novo sentido, a partir da modificação de uma acepção já existente.

Um segundo ponto levantado pelo autor é que a polissemia pode ser observada sob duas dimensões, uma qualitativa e outra quantitativa. Ao se analisar por uma perspectiva qualitativa, entende-se que o fenômeno compreende vários sentidos e busca-se entender como estes estão relacionados, ou seja, quais os processos cognitivos envolvidos (metáfora, metonímia, etc.). Já uma análise guiada pela dimensão quantitativa envolve estudar os efeitos de prototipicidade entre os vários sentidos, isto é, perguntar-se se os sentidos possuem o mesmo peso estrutural ou se são radiais e uns mais fortes que os outros.

Por fim, o autor faz a seguinte afirmativa: “a polissemia é o output sincrônico de mudanças diacrônicas” (p. 14) Isso significa dizer que a polissemia é o resultado de uma alteração de significado que vem ocorrendo ao longo de uma diacronia e co-ocorre com outros

significados em uma dada sincronia. Como os significados não são estáticos e a língua está em constante evolução, essas mudanças nunca param, estão sempre acontecendo.

Fazendo referência a Michel Bréal, Silva (2006) afirma que, para o filólogo francês, o contexto é o fator mais importante a ser analisado porque, diacronicamente, produz a multiplicação do significado e, sincronicamente, porque permite a seleção do significado para que não haja concorrência. Para Bréal, a mudança de significado ocorre através da extensão e da restrição de sentido.

É importante para este trabalho discutirmos também o conceito de homonímia para então compreendermos a sua relação com a polissemia e como ambos se relacionam com a neologia semântica.

1.3.3 – Homonímia

Silva (2006) define a homonímia, em oposição à polissemia, como “associação de sentidos inteiramente distintos, não-relacionados a uma mesma forma linguística (...)” (p. 10). Para o autor, homônimos são expressões linguísticas que “acidentalmente” (p. 10) possuem a mesma estrutura morfofonológica. O critério, então, para diferenciar polissemia e homonímia é a identificação de uma relação entre os sentidos da unidade lexical analisada.

Novamente, a definição apresentada possui um aspecto interessante a ser discutido. O uso do termo “forma linguística” também traz implicações teóricas neste caso. Para explicar melhor essa questão, é importante analisarmos uma outra definição, de Henriques (2018): “Repita-se: na HOMONÍMIA há duas palavras (e dois significados), e na POLISSEMIA há apenas uma palavra (e mais de um significado)” (p. 86; grifos do autor)

É uma definição por comparação e, que se diferencia da de Silva (2006) porque escolhe utilizar a lexia “palavra” ao invés de “forma linguística”. Quando Henriques (2018) afirma que na polissemia se tem apenas uma palavra com mais de um sentido, implica dizer que a estrutura morfofonológica é mais determinante que o sentido para atestar que uma sequência constitui ou não uma palavra. Na visão de Silva (2006), o sentido recebe mais destaque e, como ele é contextual, a cada contexto tem-se uma nova palavra. Esse debate será retomado e ampliado no capítulo 3, o capítulo de análise deste trabalho. Contudo, a partir das definições de Silva (2006), é possível depreender que, no seu ponto de vista, tanto em casos de homonímia, quanto em casos de polissemia, tem-se mais de uma palavra, o que muda é se os sentidos são relacionados

ou não. A questão da relação entre os múltiplos sentidos aparece de maneira implícita na definição de Henriques (2018), o que pode gerar confusão na identificação dos fenômenos.

O linguista português também descreve os tipos de homonímia. Homófonos são palavras diferentes com a mesma forma fonológica, como *sexta* e *cesta*, no português brasileiro. Homógrafos são palavras diferentes que possuem a mesma forma gráfica e diferenças fonológicas – e semânticas –, como *gosto* (sabor) e *gosto* (do verbo gostar). O autor ainda menciona os homônimos perfeitos, que são aqueles que pertencem à mesma classe gramatical, como por exemplo *banco* (assento) e *banco* (agência bancária).

1.3.3.1 – Polissemia X Homonímia

Na seção anterior, o critério mais comum para diferenciação polissemia e homonímia foi apresentado, porém, Silva (2006) apresenta uma diferenciação dos dois fenômenos um pouco mais complexa. Para o autor, há dois critérios que podem ser utilizados para fazer essa distinção, um diacrônico e outro, sincrônico.

Seguindo o critério diacrônico, a polissemia seria aquele processo em que uma forma linguística possui dois ou mais sentidos com uma mesma origem etimológica ou que sejam um derivado do outro. Já no caso da homonímia, os sentidos teriam diferentes etimologias. Portanto, este critério se dedica a encontrar a origem dos significados e verificar se há uma relação entre eles.

Já o critério sincrônico entende como polissemia quando uma mesma forma linguística possui mais de um sentido e a relação entre esses sentidos é reconhecida, percebida pelos falantes. A homonímia ocorreria, então, quando os falantes não conseguem estabelecer uma relação entre esses sentidos. Este critério é baseado na intuição do falante e não analisa a evolução dos significados de determinada forma linguística, mas sim quais os significados ela apresenta em um tal recorte temporal.

A diferença entre esses critérios é sutil, mas, apesar de eles aparentarem ser bastante similares, podem não coincidir em vários casos, e a escolha por um em detrimento do outro implica consequências teórico-metodológicas. Silva (2006) aponta que cada critério possui suas vantagens e desvantagens.

O diacrônico é um critério que vai contra o saber semântico-lexical dos falantes, ou seja, o conhecimento que permite a estes reconhecer sentidos relacionados e não-relacionados,

independentemente de saber a sua história e origem. Outra desvantagem é que esse critério é pouco prático, de difícil aplicação, pois há muitas palavras cuja etimologia é desconhecida.

O critério sincrônico é subjetivo, pois o reconhecimento por parte dos falantes das relações entre os sentidos pode ser influenciado pelo raciocínio e pela formação do indivíduo. Contudo, este é o critério mais recomendado porque a polissemia e a homonímia, além de serem construtos teóricos e fenômenos históricos, são também realidades psicológicas. (p. 47) Este é o critério adotado nas análises deste trabalho, justamente pela sua facilidade de aplicação.

Por fim, o autor faz ainda duas afirmações importantes sobre a distinção entre polissemia e homonímia. A primeira é que a polissemia é um fenômeno motivado, isto é, é originado por um certo processo cognitivo – metáfora, metonímia, especialização, generalização – e introduz uma certa redundância ao léxico mental. A homonímia, por sua vez, é acidental. Essa observação leva o autor à sua segunda afirmação, que é a conclusão de polissemia e homonímia não constituem uma dicotomia, mas sim “fazem parte de um *continuum* de relação de sentidos.” (p. 49)

1.3.4 – Como surgem os novos significados?

Segundo Silva (2006), a cognição e o sistema conceitual humano estão muito envolvidos na mudança de sentido. Estratégias pragmáticas, que surgem no discurso para orientar a relação locutor-alocutário, também determinam essas transformações de significado. Para o autor, as motivações da mudança não podem ser confundidas com os mecanismos de mudança.

Para descobrir as motivações é preciso perguntar “*por que* surgem novos sentidos?”. Como principal resposta, tem-se a dinamicidade da língua. A mudança semântica começa no uso da língua e não em sua estrutura interna. Coseriu (1958 *apud* SILVA, 2006) aponta como principal motivação para mudança linguística a necessidade do falante de se comunicar e se expressar melhor.

Já o semanticista Ullman (1951, 1952 *apud* SILVA, 2006) lista seis motivações, a saber, causas linguísticas, causas históricas, causas sociais, causas psicológicas, influência estrangeira e necessidade de um novo nome. Para o linguista português, as causas históricas, a influência estrangeira e a necessidade de um novo nome são faces de um mesmo tipo, a “a necessidade de verbalizar um novo conceito.” (p. 88)

O autor lembra que o princípio da economia linguística sempre prevalece, pois a verdadeira motivação para a mudança de sentidos está nos objetivos pragmáticos do falante, a eficácia comunicativa e a expressividade.

Com relação aos mecanismos de mudança a semântica, a pergunta que se deve fazer é “*como surgem os novos sentidos?*”

Para responder a essa questão, Silva (2006) aponta que existem mecanismos semasiológicos e mecanismos onomasiológicos. Os semasiológicos – que interferem nos sentidos - se subdividem entre mudanças de significado referencial e mudanças de significado não-referencial. As mudanças de significado referencial podem ser analógicas ou independentes, levando em conta se o novo significado reproduz ou não a semântica de outra expressão relacionada. Nas palavras do autor:

“As mudanças independentes de significado conceptual (...) compreendem os quatro tipos clássicos denominados especialização, generalização, metonímia e metáfora. (...) E as mudanças analógicas são sub-classificadas na base da natureza da relação de associação: sintáctica (...), fonética (...) e semântica (...). As mudanças de significado não-referencial podem envolver qualquer tipo de significação não-referencial: emotiva (...), estilística (...), e discursiva ou pragmática (...); tradicionalmente compreendem as mudanças pejorativas e melhorativas de significado emotivo. (...)” (p. 94-95)

Os mecanismos onomasiológicos – os processos que atuam nas formas linguísticas, no nome - se subdividem em cinco tipos: regras morfológicas de composição e derivação, criação, empréstimo, deformação fonética (elipse) ou mesclagem (cruzamento vocabular) e por extensões semasiológicas de palavras já existentes. Ainda segundo o mesmo autor, os mecanismos semasiológicos – metáfora, metonímia, especialização e generalização – também atuam no nível onomasiológico e afirma que a teoria da metáfora conceitual, de Lakoff & Johnson (1980, 1999), demonstra bem esse processo.

1.3.5 – Neologia semântica, polissemia, homonímia e mecanismos de mudança semântica

A partir da descrição dos fenômenos da polissemia e da homonímia e da conceituação do processo da neologia semântica, é possível traçar uma relação entre esses termos. A neologia semântica é a reutilização de uma forma linguística com um novo significado. Os dados encontrados no *corpus* (ver o capítulo 3) mostram que esses significados podem ser relacionados, configurando assim um caso de polissemia, ou podem não ter nenhuma relação e sua associação a uma mesma forma linguística ser acidental, configurando um caso de homonímia.

Quando se trata de um caso de polissemia, é importante observar quais os mecanismos que estão por trás deste processo de mudança. Geralmente, como apontado pela literatura sobre o tema e comprovado na análise de dados deste trabalho, os processos de metáfora e metonímia são os que geram essa polissemia. Acreditamos, portanto, que os mecanismos que originam a neologia semântica são em sua maioria mecanismos semasiológicos de mudança de significado referencial não-relacionados, segundo a classificação apresentada por Silva (2006), pois os casos de homonímia ocorrem uma menor proporção. Os demais processos de neologia citados anteriormente, a neologia por empréstimo e a neologia formal, encontram-se como mecanismos onomasiológicos, de acordo com essa mesma classificação.

1.4 – Metodologia

Para a realização da pesquisa, esta foi dividida em três partes, a saber, coleta e tratamento dos dados, análise dos dados (capítulo 3) e análise de livros didáticos (capítulo 2).

Os dados que compõem o *corpus* deste trabalho fazem parte do *corpus* do Observatório de neologia na publicidade impressa, projeto em andamento na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), sob orientação do professor Aderlande Ferraz, e do qual a autora deste trabalho participou nos anos de 2016 e 2017 como orientanda de Iniciação Científica. Esse projeto analisa peças publicitárias veiculadas nas revistas noticiosas de maior circulação do país, ÉPOCA, Isto É e Veja, com o objetivo de catalogar e contabilizar ocorrências neológicas encontradas.

Nesta pesquisa, analisamos as 21 ocorrências de neologismos semânticos encontradas nas peças publicitárias da revista noticiosa Veja, nas edições do período de 2015 a 2017 e também mais uma ocorrência encontrada no *site* da Prefeitura de Santos (SP), totalizando, então, 22 ocorrências.

De modo geral, para identificar uma determinada lexia como neologismo, existem três critérios, o diacrônico, o psicológico e o lexicográfico. O critério diacrônico está relacionado ao tempo e consiste em buscar verificar a data de surgimento de determinada palavra em um dicionário de língua ou em um *corpus* textual. Já o critério psicológico é aquele que se baseia na sensação de novidade que determinada palavra causa em um grupo de falantes. Por fim, o critério lexicográfico é aquele que consiste submeter o item léxico candidato a neologismo a uma seleção de dicionários de língua e, caso ele não esteja presente em nenhum deles, é considerado neológico.

Ferraz (2010a) aponta as desvantagens e vantagens de cada um dos critérios. Segundo o autor, o critério diacrônico é de difícil aplicação, já que, muitas vezes, os dicionários brasileiros não possuem marcas temporais que indiquem a data de atestação das palavras. Além disso, seria complicado compor um *corpus* de análise, já que não se tem à disposição uma seleção de textos ampla o suficiente para contemplar a complexidade do uso da língua. O autor afirma que o critério psicológico também é de difícil aplicação por ser muito subjetivo e pela dificuldade em formar um grupo de falantes que seja um número representativo e que reflita a heterogeneidade da população. Ademais, construir um documento que possa ser analisado por todos os informantes seria também uma tarefa complexa.

Como desvantagem do critério lexicográfico, o autor aponta o tempo de atualização dos dicionários, que geralmente são lançados a cada década e, portanto, não conseguem acompanhar as mudanças linguísticas na velocidade em que ocorrem. No entanto, este seria o critério de mais fácil aplicação, visto que é o mais objetivo e replicável dos três e que a construção da seleção de dicionários é algo simples de se fazer.

Por essas razões, o critério adotado neste trabalho é o da exclusão lexicográfica e a seleção de dicionários é composta por *Dicionário da língua portuguesa Evanildo Bechara*, de Evanildo Bechara (2011); *Dicionário Unesp do português contemporâneo*, de Francisco Borba (2011); *Novíssimo Aulete dicionário contemporâneo da língua portuguesa*, de Paulo Geiger (org.) (2011) e, *Dicionário Houaiss conciso*, de Houaiss, Antônio (org.) & Villar, Mauro de Salles (ed. resp.) (2011).

Esses dicionários foram escolhidos porque são aqueles selecionados pela última edição do PNL D – Dicionários, destinados aos alunos do Ensino Médio, e distribuídos pelo Ministério da Educação (MEC) às escolas públicas do Brasil. Como esta pesquisa se destina aos alunos desta faixa do ensino básico, acreditamos que esta seleção de dicionários seria a mais adequada a esse recorte proposto.

CAPÍTULO 2

ANÁLISE DE LIVROS DIDÁTICOS

Analizamos quatro coleções de livros de língua portuguesa para o Ensino Médio - *Português Contemporâneo: diálogo, reflexão e uso*; *Português – contexto, interlocução e sentido*; *Ser Protagonista – Língua Portuguesa e Língua Portuguesa: linguagem e interação*. Todas elas fazem parte do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), da edição 2018-2020.

O objetivo desta análise era verificar de que forma os conteúdos de formação de palavras e de relações lexicais são abordados nos materiais didáticos direcionados à última etapa do ensino básico. Os capítulos referentes a esses temas foram avaliados por completo, isto é, tanto as seções de explanação, quanto as seções de exercícios.

Ao longo deste capítulo, serão apresentadas as análises de cada coleção e, posteriormente, as generalizações quanto ao ensino de formação de palavras e relações lexicais elaboradas a partir das análises.

Coleção 1: Português Contemporâneo: diálogo, reflexão e uso.

CEREJA, W.; VIANNA, C. D.; DAMIEN, C. *Português Contemporâneo: diálogo, reflexão e uso*. Saraiva: São Paulo: 2016.

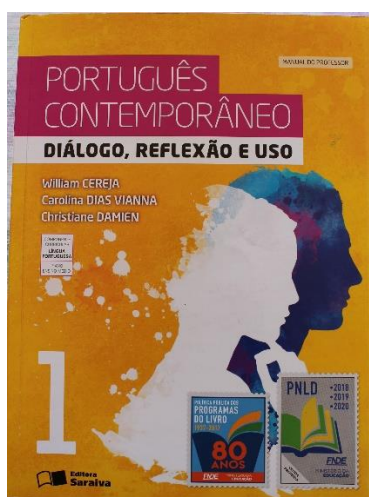


Figura 1 - Capa do livro *Português Contemporâneo*

Nesta coleção, somente os livros do 1º e 3º anos apresentaram os conteúdos que foram objeto de análise. Cada livro é organizado em unidades, que se dividem em capítulos e estes se subdividem em três áreas, a saber, Literatura, Língua e Linguagem e Produção de texto. Os capítulos aqui destacados, no livro do 1º ano, foram o capítulo 2, da unidade 2, intitulado “O que é semântica?” e o capítulo 3, da unidade 4, “Formação de palavras”.

No capítulo destinado à semântica são abordados os conceitos de “semântica”, “ambiguidade”, “polissemia”, “sinonímia” e “paráfrase”. A abordagem utilizada pelos autores para introduzir cada conceito é a de apresentar um – ou mais - texto motivador e a partir dele explicar o fenômeno em questão.

Interessa-nos, especificamente, os conceitos de “Semântica” e “polissemia”. A primeira é definida dessa forma: “O ramo da linguística que estuda o significado, isto é, os sentidos da língua, é chamado de semântica.” (p. 135) A explicação que acompanha a definição salienta que construímos sentidos tanto pelo que conhecemos das estruturas linguísticas, quanto por fatores contextuais (quem fala, para quem, com quais intenções, em que lugar, etc).

Já a polissemia é conceituada em uma espécie de comparação com a ambiguidade. Esta última é definida pelos autores como uma característica que alguns textos têm de possuir mais de sentido possível. Já a “Polissemia, por sua vez, é a propriedade que uma palavra tem de assumir vários sentidos.” (p. 136) Para explicar essa definição, o seguinte anúncio é apresentado:

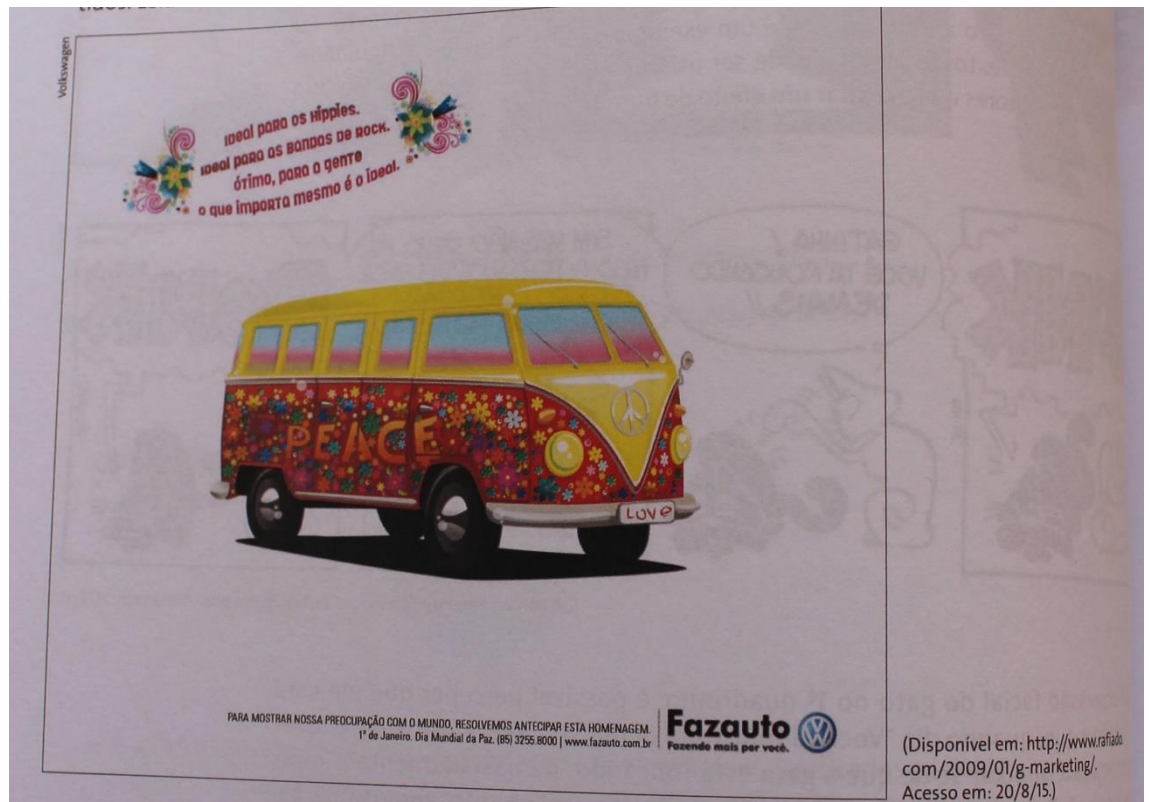


Figura 2 - Publicidade "Ideal"

(“Ideal para os hippies. Ideal para as bandas de rock. Ótimo, para a gente o que importa mesmo é o ideal.”. Imagem de uma kombi estampada de flores e com os dizeres

“peace”, na lateral, e “love”, na placa. “Para mostrar nossa preocupação com o mundo, resolvemos antecipar esta homenagem. 1º de janeiro. Dia Mundial da Paz.”)

A explicação chama atenção para a palavra “ideal” que, para os autores, possui dois significados distintos nesse enunciado, um que é sinônimo de “ideologia” e outro que é sinônimo de “adequado”. Os autores salientam que só é possível depreender o sentido da palavra no período “Ótimo, para a gente o que importa mesmo é o ideal.” quando se analisa o anúncio como todo, o contexto em que ele se insere – uma homenagem ao Dia Mundial da Paz -, a imagem da Kombi, etc.

Logo após a conceituação, há uma seção de exercícios sobre ambiguidade e polissemia. As questões se concentram na identificação da palavra polissêmica, em quais são os seus sentidos e em como essa palavra gera a ambiguidade presente no texto analisado.

No capítulo destinado ao conteúdo de formação de palavras (Unidade 4 – Capítulo 3: Formação de palavras), os processos abordados mais detalhadamente foram composição e derivação. Também foram citados os processos de “redução”, “onomatopeia ou reduplicação”, “empréstimos”, “gírias”, “cruzamento vocabular” e “formação analógica”. Não houve menção ao conceito de neologia, nem explicação do que seria um neologismo e também a estrutura semântica das palavras não foi levada em consideração nas definições.

Durante a seção em que os conceitos são apresentados, os autores afirmam que “cerca de 90% das palavras da língua são formadas por dois processos morfológicos (isto é, que envolvem morfemas) básicos da língua portuguesa: a composição e a derivação.” (p. 311) Talvez por esse motivo esses dois processos tenham sido abordados com mais profundidade. O livro tratou de dois tipos de composição, justaposição e aglutinação, e de seis tipos de derivação: prefixal, sufixal, prefixal e sufixal, parassintética, regressiva e imprópria.

As definições apresentadas são baseadas somente na morfologia, ou seja, qual a mudança estrutural na palavra (perde ou ganha morfema) e também se há alguma mudança na categoria gramatical (por meio do acréscimo de um sufixo, por exemplo). Os exercícios seguem, em sua maioria, o padrão observado no capítulo destinado à semântica. São questões que se restringem à identificação e à nomeação dos processos de formação estudados.


Contudo, as seguintes questões chamam atenção:

os produtos da marca. Assim, o emprego da palavra funciona como estímulo à compra dos produtos da marca.

■ APLIQUE O QUE APRENDEU

1. Leia o anúncio ao lado.
A palavra *cozinhatrapia*, utilizada no anúncio, é um neologismo.
 - a. A partir de que palavras ela foi formada?
Ela foi formada a partir das palavras cozinha e terapia.
 - b. Que processo de formação de palavras deu origem a ela?
 - c. Que outras palavras resultantes de um processo de formação similar ao de *cozinhatrapia* você conhece?
Resposta pessoal. Sugestão: fitoterapia, cromoterapia, aromaterapia.
2. O anunciante representa uma marca de alimentos. Que sentido o neologismo *cozinhatrapia* acrescenta aos produtos dessa marca?
3. A partir de quais palavras provavelmente se originaram, por redução, as que seguem?
 - a. rebu *rebuliço*
 - b. confa *confusão*
 - c. curta *curta-metragem*
 - d. proleta *proletário*

REGISTRE NO CADERNO



314 UNIDADE 4 PALAVRA E RAZÃO

Figura 3 - Publicidade "Cozinhatrapia"

As questões se referem à peça publicitária da marca Philadelphia, com os dizeres “10 motivos para praticar cozinhatrapia”. O enunciado da primeira questão afirma que “cozinhatrapia” é uma palavra neológica, mesmo sem abordar esse conceito durante a seção teórica do capítulo, e também o explica na própria questão. Como se pode perceber, o neologismo é utilizado como um pretexto para cobrar a nomeação do processo de formação, a partir de quais outras palavras “cozinhatrapia” foi formada e quais outras palavras com o mesmo processo de formação o aluno conhece.

Na segunda questão, são explorados os sentidos que a palavra neológica acrescenta aos produtos da marca do anúncio. Contudo, o sentido do próprio do neologismo, ou seja, pensar no que significa propriamente “cozinhatrapia”, não foi explorado. A abordagem para o tema privilegiou a estrutura formal do vocábulo.

A terceira questão não faz referência ao anúncio, mas é interessante de ser analisada porque também é uma mera cobrança de nomenclatura, em que o aluno deve adivinhar de quais outras palavras aquelas reduções resultaram. Além disso, os exemplos são descontextualizados, dificultando o raciocínio em alguns casos, como os de “rebu” e “confa”.

Como o exemplar analisado foi o de um livro do professor, as respostas estão presentes (em rosa) e também algumas orientações são dadas aos docentes pelos autores da coleção. Sobre a primeira questão discutida acima, há a seguinte orientação, no canto direito da página:

Gírias

São palavras e expressões criadas e usadas por determinados grupos sociais ou profissionais. Geralmente, essas palavras e expressões têm curta duração, mas, em alguns casos, seu uso pode se estender a outros segmentos sociais e elas acabam se incorporando à língua.

Veja algumas gírias usadas entre jogadores de futebol:

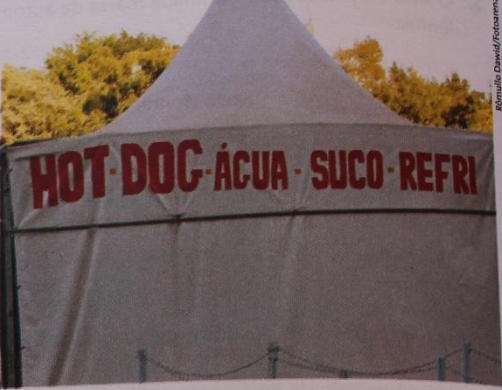
- **lastro físico:** capacidade física do jogador.
- **um-dois:** tabela na qual o jogador passa a bola para o companheiro e corre para recebê-la à frente.
- **mano a mano:** lance em que o atacante parte com a bola e a marcação sobre ele é feita por um jogador apenas.

Cruzamento de palavras

Consiste na junção de parte de uma palavra com parte de outra, como em *portunhol* (português + espanhol), *brasiguai* (brasileiro + paraguaio).

Formação analógica

Consiste na constituição de palavras por analogia com outras. Exemplos: *metrorviário*, por analogia com *ferroviário*; *carreat*, por analogia com *passata*; *sambódromo*, *fumódromo* e *camelódromo*, por analogia com palavras como *velódromo*.



1. b) A formação analógica, por analogia com palavras terminadas em *terapia*, como *fitoterapia*, por exemplo.
Professor: Caso os alunos achem que é a composição por justaposição, lembre a eles que não se trata de palavra normalmente usada na língua, mas, sim, de um neologismo criado pelo anunciante.

2. O neologismo dá a entender que a atividade de cozinhar pode ser uma forma de terapia, ou seja, uma atividade que relaxa e faz bem para a mente, e que pode ser realizada com os produtos da marca. Assim, o emprego da palavra funciona como estímulo à compra.

Figura 4 - Orientações ao professor

(“1.b) “Formação analógica, por analogia com palavras terminadas em *terapia*, como *fitoterapia*, por exemplo. Professor: caso os alunos achem que é a composição por justaposição, lembre-se que não se trata de palavra normalmente usada na língua, mas, sim, de um neologismo criado pelo anunciante.”)

Os autores tratam o neologismo como sendo um caso de analogia e orientam os professores para, caso os alunos interpretem como um caso de composição por justaposição, corrigi-los dizendo que se trata de um neologismo e, portanto, de uma palavra criada para um anúncio e não de uso corrente.

Há um grave equívoco nesta afirmação, visto que a justificativa se refere ao campo do uso, enquanto a questão-problema está nos campos da morfologia e do léxico. Não há dúvidas que existem neologismos que são criados, especialmente em peças publicitárias, para produzir um efeito de sentido específico, e acabam não sendo absorvidos pelo léxico geral. Esses casos são classificados como neologismos estilísticos. No entanto, não é porque

essas ocorrências são efêmeras que não seguem os padrões de formação de palavras da língua. Um dos exemplos presentes no *corpus* do Observatório de Neologia na Publicidade Impressa, utilizado neste trabalho, é “presuntaria”: A mais perfeccionista presuntaria Sadia. (VEJA, 25/11/2015, p. 6 e 7). Esta palavra, um neologismo estilístico, criado especialmente para o anúncio publicitário, é formado por derivação sufixal, um dos dois processos apontados pelos autores do livro didático como sendo os mais comuns na língua portuguesa.

A verdade é que, pelas definições apresentadas pelo livro didático para os processos de composição (“esse processo consiste na formação de uma palavra pela união de dois radicais [...]” p. 311), de justaposição (“quando elementos conservam sua autonomia fonética e, assim, não ocorrem perdas de fonemas nem mudança no acento.” p. 311) e de formação analógica (Figura 4), o item lexical “cozinhatapia” poderia ser interpretado, a depender da justificativa, como sendo formado por qualquer um dos dois processos.

Nos demais exercícios presentes no capítulo, esse padrão de apresentar um texto motivador, seja ele publicidade ou tirinha, e ter questões que se centram na identificação e na nomeação dos processos é o que prevalece.

No livro desta coleção destinado ao 3º ano do Ensino Médio, há um capítulo (Capítulo 3, da Unidade 4) intitulado “Análise linguística: polissemia e ambiguidade”. No início do capítulo, há uma breve retomada desses conceitos e os autores afirmam que “A polissemia é uma das possibilidades de se construir ambiguidade (p. 311)”.

Os exercícios se resumem a identificar a palavra polissêmica e dizer quais são os sentidos que ela pode apresentar. Em seguida, pede-se para que o aluno diga de forma essa ambiguidade gerada pela polissemia atua no texto, que efeito ela causa (Figura 6). Há também questões que pedem para que a ambiguidade presente em uma frase seja desfeita. (Figura 7)

LÍNGUA E LINGUAGEM

Análise linguística:
polissemia e ambiguidade

FOCO NO TEXTO

Leia o anúncio a seguir.

**VOCÊ
PODE FECHAR
UM GRANDE NEGÓCIO
SEM UMA
BOA PROPAGANDA.**

O SEU.

4 de dezembro.
Dia Mundial
da Propaganda.

AGÊNCIA
FORTE
PARCEIRO
ESTRATÉGICO

dap

alap

ARP

etapro

sinapro-rs

(Zero Hora, Porto Alegre, 4/12/2013. Disponível em: https://www.pinterest.com/pin/51052530773757894/?from_navigate=true. Acesso em: 8/4/2016.)

1. Explique com outras palavras que sentido a primeira frase do anúncio constrói quando lida isoladamente. Se o anúncio fosse composto apenas por essa frase, qual seria a ideia veiculada por ele?

REGISTRE
NO CADERNO

Figura 5 - Publicidade "bom negócio"

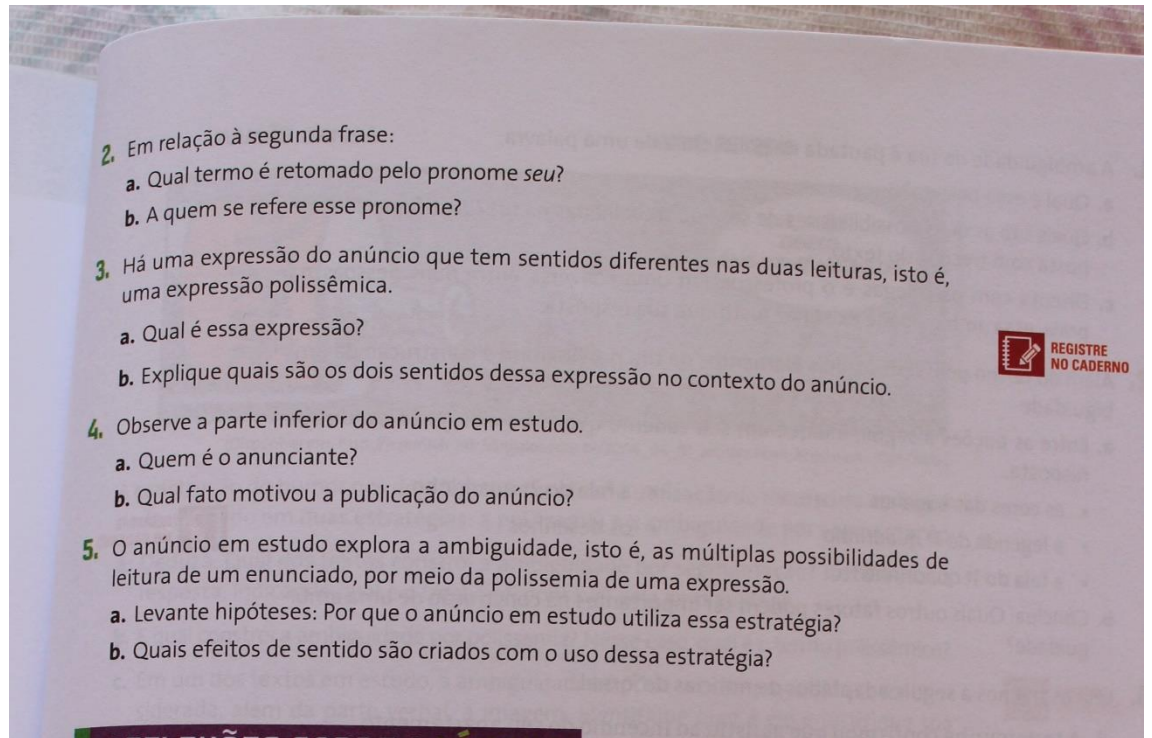


Figura 6 - Exercícios Efeito de sentido

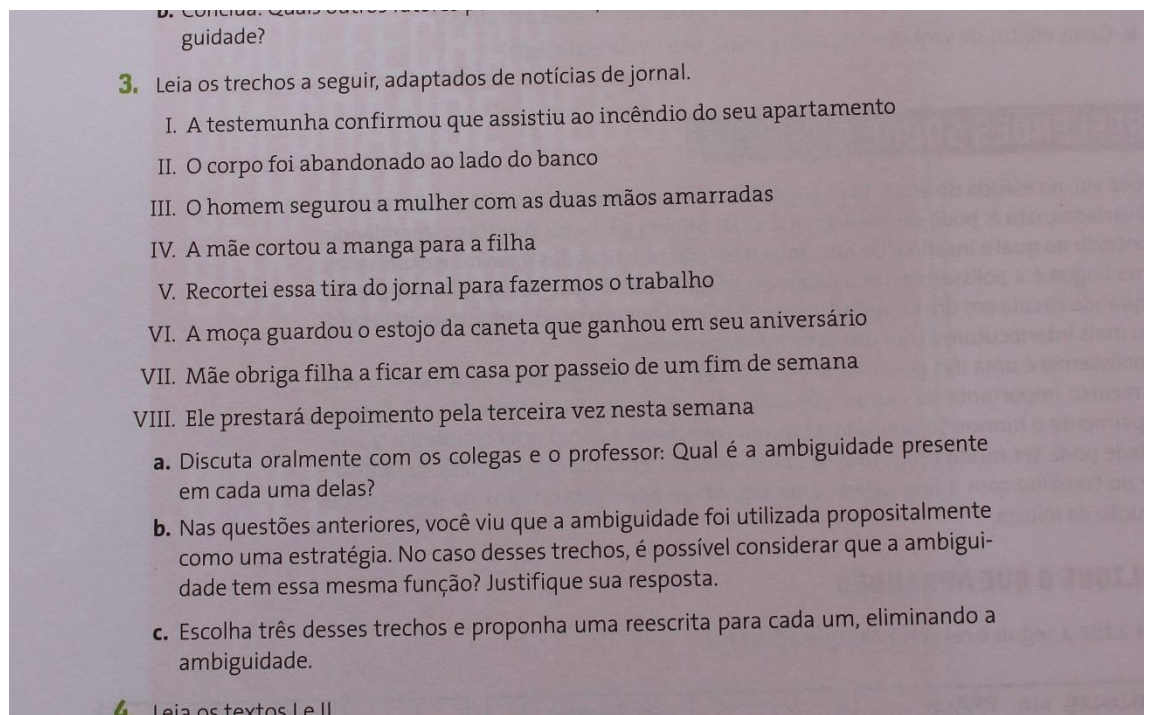


Figura 7 - Exercícios Ambiguidade

A retomada de conteúdos é importante durante a trajetória escolar, mas, neste caso, ela não foi produtiva, pois não houve uma reelaboração dos conceitos e nada de novo foi acrescentado. Além disso, os exercícios seguem o mesmo nível de dificuldade e o mesmo padrão dos apresentados no livro do 1º ano.

Coleção 2: Português – Contexto, texto, interlocução e sentido.

ABAURRE, M. L. M.; PONTARA, M.; ABAURRE, M. B. M. *Português – contexto, interlocução e sentido*. Moderna: São Paulo, 2016.



Figura 8 - Capa "Português - Contexto, Interlocução e Sentido"

Os livros desta coleção se dividem em três áreas, Literatura, Gramática e Produção de texto, e também em unidades, que se subdividem em capítulos. Apenas o livro destinado ao 1º ano apresentou capítulos referentes aos conteúdos que interessam a este trabalho.

As relações lexicais integram o capítulo 15, “A construção do sentido”, da Unidade 5 da área de Gramática. Nessa seção, são trabalhados os conceitos de “polissemia”, “sinonímia”, “antonímia”, “hiperonímia” e “hiponímia”.

O capítulo se inicia com a apresentação de uma tirinha em que o verbo “arrumar” aparece em duas acepções, seguida de um verbete que possui os dois sentidos registrados, como mostra a imagem a seguir. Importante notar que as autoras já selecionam as duas definições que se referem aos sentidos de “arrumar” presentes na tirinha e, na página seguinte, e estabelecem a relação entre elas e o verbo: “Podemos associar a primeira definição do termo ao sentido que o verbo tem para a mãe, e, a segunda, ao sentido que tem na fala do filho. [...]” (p. 161) Dessa forma, não há um processo de reflexão por parte do

aluno e não há uma construção da compreensão do fenômeno, pois as relações já estão dadas.

Em seguida, as relações lexicais são conceituadas uma a uma, sendo a definição da polissemia a de maior interesse nessa análise. O fenômeno é definido como “a multiplicidade de sentidos que uma mesma palavra da língua pode apresentar, em diferentes contextos de uso (p. 161)”. Podemos perceber que esse enunciado não dá a entender que através da polissemia se geram novas palavras, mas sim que a polissemia é a propriedade de uma mesma palavra possuir diversos significados.

Relações lexicais

» Leia atentamente o diálogo entre mãe e filho para responder às questões de 1 a 4.

ARMANDINHO

VOCÊ NÃO ARRUMA OS BRINQUEDOS, NÃO ARRUMA A CAMA...

... NÃO ARRUMA O ARMÁRIO, NÃO ARRUMA NADA!

ARRUMO SIM!

ARRUMA O QUÊ?

DESCULPAS!

ÁLEXANDRE BECK

Alexandre Armandinho
Dais. Florianópolis: A. C. Beck, 2014, p. 67.

1. A mãe do menino Armandinho está chamando a atenção dele. Por que razão ela faz isso?
2. Qual é a reação de Armandinho?
3. A resposta dada por Armandinho é responsável pela construção do humor da tira. Por quê?
4. O *Dicionário Houaiss da língua portuguesa* registra doze significados para o verbo arrumar. Entre eles, estão os seguintes:

2 [...] pôr (algo) em certa ordem conveniente ou apropriada; arranjar, compor, dispor [...]

11 [...] obter (algo), satisfazendo um desejo; conseguir, arranjar [...]

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009. p. 195. (Fragmento).

Figura 9 - Exercícios Relações Lexicais

Quanto aos exercícios do capítulo (p. 162 e 164), chamam atenção as questões 5 e 6 - cujos enunciados estão transcritos a seguir -, que se baseiam em uma tirinha em que dois ovos estão de um lado da rua, na sombra, avistando outros ovos que estão do outro lado, no sol, e um diz “É melhor a gente não atravessar... se ficarmos tempo demais no sol, estamos fritos!”

“Questão 5. O humor da tira é construído com base na possibilidade de dupla interpretação de uma determinada expressão. Que expressão é essa?

- Essa expressão, em geral, é usada em determinado sentido. Qual é ela?

Questão 6. Considerando as personagens, percebemos que essa expressão deve ser interpretada de forma literal. Explique.” (p. 163)

Essas são as únicas questões que exploram o conteúdo de polissemia. A questão 5 se refere à identificação da expressão “estamos fritos”, bem como de seu sentido mais usual. A questão 6, por sua vez, solicita que o aluno explique porque a expressão está sendo usada em seu sentido menos comum, o literal. Através deste último exercício, o aluno pode perceber como um fenômeno como a polissemia pode atuar na construção de texto.

O conteúdo de formação de palavras é abordado nos capítulos 20 e 21, da unidade 6 do livro didático. No primeiro deles, é trabalhado o processo da composição, e sua classificação em justaposição e aglutinação. As definições dadas se restringem à estrutura formal das palavras, tratando a composição como junção de radicais com ou sem perda fonológica.

Nesse mesmo capítulo, há uma seção intitulada “Outros processos de formação de palavras” (p. 205), em que são trabalhados os processos de “Redução ou abreviação”, “Criação de siglas”, “Onomatopeias”, “Empréstimos lexicais” e “Neologismos”. É interessante notar que a neologia é colocada como um processo à parte de formação de palavras, e não entendida como um fenômeno linguístico que pode ocorrer se utilizando de diversos processos de formação.

Quanto ao conceito de neologismo, as autoras apresentam “A palavra neologismo é formada pelos radicais gregos néos, que significa “novo, ou moderno”, e lógos, “palavra, tratado”. Significa, portanto, palavra nova (p. 207)”. Em seguida, há um texto que fala sobre uma rede social, o Twitter, e sobre o ato de tuitar. Na explanação sobre que vem logo após o trecho, as autoras afirmam que “tuitar” e suas palavras derivadas são exemplos de como a língua produz neologismos a partir de palavras estrangeiras. Elas também citam o exemplo de “carreata”, que afirmam ser um neologismo que surgiu por analogia a “passeata”.

Há uma confusão quanto ao tratamento dos neologismos pois, ao mesmo que tempo que são colocados na categoria de “Outros processos de formação de palavras”, na seção em que o conceito é apresentado as autoras citam exemplos de palavras novas formadas pelos processos de empréstimo lexical e de analogia.


No capítulo seguinte, o foco são os processos de derivação, que são divididos em prefixal, sufixal, regressiva, parassintética e imprópria. As definições também contemplam

apenas o aspecto formal das palavras, pois entendem a derivação como um processo em que palavras se formam a partir de outras já existentes na língua, acrescentando-se a elas um outro morfema, seja ele um sufixo ou prefixo. Outras definições, como as de derivação imprópria e regressiva, levam em conta a categoria gramatical da palavra formada é diferente da categoria da palavra que a formou.

Quanto aos exercícios, os dois capítulos seguem o mesmo padrão. São questões que se restringem à identificação dos processos e das categorias gramaticais das palavras envolvidas, como pode ser observado na imagem a seguir.

ATIVIDADES

» Leia a charge a seguir para responder às questões 1 e 2.



DALCIO

» Leia o texto a seguir para responder às questões 3 a 6.

A faxina corporal e a morangoterapia

[...] A mulher contemporânea faz terapia para tudo. [...] E existe todo tipo de terapia. Mas a gente ainda se surpreende nesta vida. Por isso, demos boas gargalhadas quando recebemos um *release* (o material de divulgação usado pelas assessorias de imprensa) com o seguinte título: "Morangoterapia destaca benefícios do morango".

Na hora, nos imaginamos sentadas em um divã conversando com um morango gigante. Mas não é nada disso. Segundo a tal assessoria, "o morango é doce e suculento e uma das frutas mais apreciadas pelos brasileiros". E o que isso tem a ver com terapia?

Bem, o morango também é rico em vários nutrientes, por isso, a tal clínica desenvolveu todo um tratamento à base de morangos. Segundo eles, tomar uns banhos de morango e passar uns cremes feitos com a fruta no rosto promove "uma verdadeira faxina corporal". [...]

Bem, a pessoa deve sair da tal morangoterapia se sentindo um morango ambulante. E, nos perguntamos,

sinceramente, quem tem tempo (e dinheiro) para essas coisas? Quando estamos estressadas, além das nossas terapias normais, preferimos fazer:

- Unhaterapia — Fazer a unha, simples assim. Dá uma sensação de ordem na vida.
- Fofoterapia — Você se esquece de coisas importantes, como "quem sou eu, para onde vou" e se foca em coisas mundanas.

[...]

LEMOS, Nina. *TPM*, n. 98, 4 maio 2010. Disponível em: <<http://revistatpm.uol.com.br/revista/98/badulaque/a-faxina-corporal-e-a-morangoterapia.html>>. Acesso em: 1º fev. 2016. (Fragmento).

- A charge tematiza uma séria questão de saúde pública do nosso país. Qual é ela? Explique.
 - » Que elementos da charge fazem referência a essa questão?
- Uma palavra usada na charge é fundamental para compreender a crítica feita por Dalcio. Qual é essa palavra e a que ela se refere, considerando o contexto em que ocorre?
 - Como essa palavra foi criada?
 - De que forma o termo criado se relaciona à questão de saúde tematizada na charge?
- O texto faz referência a um tratamento estético denominado morangoterapia. Em que consiste esse tratamento e o que ele promove?
- A palavra morangoterapia é formada por um dos processos de composição estudados neste capítulo.
 - Qual é o processo?
 - Explique como ele se realiza nessa palavra.
 - A estrutura dessa nova palavra dá pistas ao leitor sobre o que ela significa? Explique.
- Os termos que compõem o vocábulo morangoterapia levaram a autora do texto a imaginar um tratamento de outra natureza. Justifique.
- Ao sugerir outras formas de terapia, Nina Lemos recorre ao mesmo processo de formação de palavras utilizado em morangoterapia. Que outras formas de terapia são essas?
 - » Explique o significado dos nomes atribuídos a essas terapias com base no que você aprendeu sobre a estrutura das palavras.

Figura 10 - Exercícios Formação de Palavras

Há também algumas questões de interpretação, mas elas são referentes ao texto. Quando se trata dos processos, as questões enfatizam os aspectos formais, a nomeação e pouco se fala sobre o significado da palavra formada e de como ela atua na construção dos textos. Outro ponto importante de ressaltar é o fato de estas atividades, em específico, lidarem com palavras neológicas, como “morangoterapia”, “larva-rápido” e outras, e não salientarem esse aspecto, uma chance de mostrar na prática a dinamicidade da língua.

Coleção 3: Ser protagonista – Língua Portuguesa

BARRETO, R. G., *et al.* *Ser Protagonista: língua portuguesa*. Edições SM: São Paulo, 2016.

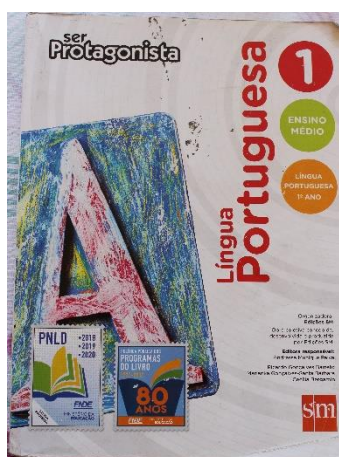


Figura 11 - Capa do livro Ser Protagonista

Os livros dessa coleção são organizados por área – Literatura, Linguagem e Produção de texto – e divididos em capítulos, e estes, em unidades. Apenas o volume destinado ao 1º ano será analisado, pois é o que contém os tópicos que aqui são objeto de análise. No capítulo 13, da unidade 8, intitulado “As palavras e as coisas” são tratadas as relações lexicais. Os processos de formação de palavras são abordados no capítulo 16, “De onde vêm as palavras?”, da unidade 9.

No início do capítulo 13, são definidos os conceitos de “semântica”, “sentido denotativo”, “sentido conotativo” e “polissemia”. Chama atenção a definição desta última “Polissemia é a propriedade inesgotável da linguagem de produzir diferentes sentidos (p. 203)”. Ela se diferencia das outras apresentadas até aqui justamente porque coloca a polissemia como um fenômeno, uma propriedade da linguagem e não como os vários de sentidos de uma única palavra. Ou seja, é uma definição mais geral que, apesar de não

afirmar que a polissemia gera novas palavras, não diz também que se trata de uma única palavra com mais de uma acepção.

É interessante também a explicação que acompanha essa definição:

“A existência dos sentidos denotativo e conotativo da linguagem revela que ela é polissêmica, ou seja, é capaz de produzir diferentes sentidos. De forma ampla, o que determina o sentido de um enunciado é a situação de uso ou o contexto, ou seja, a enunciação.” (p. 203)

Comparando-a com as outras apresentadas nos demais livros didáticos analisados até o momento, esta se diferencia porque ressalta a importância do contexto de uso para a construção do sentido de uma palavra ou expressão. Mais ainda, coloca o contexto como um fator determinante para o sentido.

Posteriormente, as relações de sinonímia e antonímia, hiperonímia e hiponímia e também os parônimos e homônimos são conceituados. Estes últimos são definidos como “(...) palavras que apresentam identidade na pronúncia e/ou em sua grafia, mas significados distintos. A relação entre palavras homônimas é chamada de homonímia.” (p. 205)

Na seção de exercícios, cada questão é iniciada por um texto seguido de perguntas de interpretação e sobre o sentido das palavras no texto, como mostra a imagem a seguir.

Prática de linguagem

1. Leia o seguinte trecho de uma reportagem.

Cem anos de Nelson Rodrigues: fonte de boas histórias para o cinema brasileiro

O autor pernambucano é conhecido pela polêmica e genialidade. As histórias criadas por ele foram transportadas para o cinema por vários realizadores no decorrer das décadas.

Apesar de sua obra estar intimamente relacionada com as paisagens cariocas, Nelson Rodrigues nasceu em Pernambuco em 23 de agosto de 1912. Ainda na infância, mudou-se para o Rio de Janeiro, onde seguiu os passos do pai no jornalismo. Escreveu crônicas esportivas, reportagens, contos, romances e peças de teatro. Seus textos inspiraram muitas produções televisivas e mais de 20 longas-metragens.

[...]

Mesmo com a anuência do autor, finado em 1980, os especialistas concordam que toda a genialidade de Nelson Rodrigues não transparece nas adaptações cinematográficas. “Muitas vezes, o autor serviu de inspiração para diretores que buscavam apenas histórias chocantes que atraíssem o público pela curiosidade”, diz a jornalista Ana Acker [...].

O escritor, jornalista e dramaturgo Nelson Rodrigues. Foto publicada na revista *Veja* em 1986.

FERNANDES, Edu. Saraiva Conteúdo, 20 out. 2012. Disponível em: <<http://www.saraivaconteudo.com.br/Materias/Post/48325>>. Acesso em: 6 abr. 2016.

a) A princípio, o título da reportagem parece indicar um elogio às adaptações da obra de Nelson Rodrigues feitas para o cinema. Em que parte do trecho fica evidente uma crítica negativa a essas adaptações?

b) Qual é o sentido da palavra *fonte* no contexto da reportagem? Esse sentido é o mais usualmente atribuído ao termo? Explique.

c) Considerando sua resposta ao item anterior, que recurso linguístico é possível identificar quanto ao uso da palavra *fonte*? Em que outras palavras ou expressões do trecho esse recurso está presente?

Figura 12 - Exercícios Prática de Linguagem

É importante notar que as questões, nesse capítulo, têm foco na identificação desses e também nos significados que as palavras têm de acordo com o contexto. A nomeação das relações estudadas acontece na última etapa das atividades (questão 1c), deixando espaço para que aluno reflita primeiramente sobre o fenômeno.

No capítulo 16, “De onde vêm as palavras?”, são trabalhados os seguintes processos de formação de palavras: composição – por justaposição e por aglutinação -, hibridismo, derivação – prefixal, sufixal, parassintética, regressiva e imprópria -, onomatopeia, siglificação ou abreviação e empréstimos linguísticos. Há também uma seção destinada ao conceito de neologismo e outra destinada às gírias e aos jargões.

As definições apresentadas privilegiam os aspectos formais dos processos, como acréscimo ou retirada de morfemas (casos de derivação), mudança de classe gramatical, perda fonética ou não (casos de composição), sem considerar os aspectos semânticos envolvidos. Os exemplos utilizados nas explicações são antigos e já cristalizados na língua – como *pernilongo* ou *planalto* para ilustrar a composição por aglutinação ou burocracia, no

caso de hibridismo -, o que não contribui para que o aluno compreenda que ela está em constante transformação.

Quanto ao tratamento da neologia, o conceito apresentado foi “Neologismo é uma palavra nova criada na língua, ou a atribuição de um novo significado a uma palavra já existente.” (p. 247) Essa definição interessa a este trabalho por considerar o aspecto semântico da criação lexical, mesmo que não compreenda a neologia semântica como um processo de formação de palavras, mas apenas como uma forma de reutilização do léxico.

Outra coisa que nos chama atenção são as ocorrências usadas para exemplificar o conceito de neologismo:

Processos	Exemplos
Composição	agrobay, chokolatra
Derivação	chavismo (modo de governo implementado por Hugo Chávez, falecido presidente da Venezuela), peterpanismo, desreclamador
Abreviação	fone, net
Transformações da escrita da internet	naum, pq, vc, bjo, xau, blz, tc, flw
Palavra-valise — acoplamento de duas palavras com alteração fonológica e gráfica de pelo menos uma delas	fla-flu (jogo de futebol entre Flamengo e Fluminense), portunhol (português + espanhol)

As novas palavras podem, com o tempo, se incorporar ao léxico da língua.

Figura 13 - Quadro Neologismos

Os casos são divididos de acordo com seus processos de formação, evitando os equívocos recorrentes de que os neologismos não obedecem aos processos de formação de palavras da língua e de que a neologia é um processo único de formação. Por meio da interpretação do quadro, também fica claro para o aluno compreender que os fenômenos estudados por ele anteriormente no capítulo acontecem atualmente na língua, evidenciando a dinamicidade desta. Outro ponto interessante é afirmação que vem logo após o quadro, que esclarece que nem todo neologismo é efêmero e que pode ser incorporado ao léxico de maneira que seja amplamente utilizado pela comunidade falante.

Quanto aos exercícios, o livro explora bastante as formações neológicas, dedicando a elas uma seção completa. As questões são introduzidas por textos e cobram que os alunos expliquem a formação de determinadas palavras, detalhando os processos envolvidos. Na seção “Língua Viva”, destinada ao estudo dos neologismos, chamam atenção as questões 1 e 6.

A primeira questão, que se baseia no texto “Filantropias”, de Roberto Damatta, diz o seguinte: “1.No segundo parágrafo, o autor conceitua caridade e filantropia por meio de contrastes, aproximações e exemplos. Escreva uma definição para cada um desses vocábulos, sem recorrer à exemplificação e usando suas palavras.” (p. 250)

Essa atividade explora a semântica das palavras e exige que o aluno produza algo. Como se pode observar ao longo desta análise, questões práticas, que demandem ação dos alunos, não são muito comuns. Esta é particularmente interessante porque elaborar uma definição é uma tarefa complexa, que exigirá do aluno compreensão não só dos termos, mas de como foram abordados no texto.

A questão 6, também referente ao mesmo texto, tem tal enunciado:

“6. Segundo o Dicionário Houaiss da língua portuguesa, metabolismo é o “conjunto de transformações, num organismo vivo, pelas quais passam as substâncias que o constituem”. Qual é o sentido da palavra metabolizar no primeiro parágrafo do texto?” (p. 251)

Da mesma maneira que em 1, essa atividade possibilita uma reflexão mais aprofundada sobre o significado das palavras e exige também uma produção do aluno, que deverá comparar os sentidos de “metabolizar”, no dicionário, e de “metabolismo” no texto estudado e elaborar uma definição para esta última palavra. É importante ressaltar que nas duas questões o contexto é considerado como um fator determinante para a construção da significação.

Coleção 4: Língua Portuguesa: linguagem e interação

FARACO, C. E.; MOURA, MARUXO Jr. *Língua Portuguesa: linguagem e interação*. Ática: São Paulo, 2016.



Figura 14 - Capa do livro Português: linguagem e interação

Esta coleção se diferencia das demais aqui analisadas porque não está organizada em áreas como Literatura, Gramática e Produção de texto, mas em gêneros textuais e os conteúdos são divididos em unidades e capítulos a partir dos gêneros trabalhados. Aqui, serão avaliados capítulos dos livros destinados ao 1º e ao 3º ano do ensino médio.

No livro do 1º ano, o primeiro capítulo a ser analisado é o Capítulo 1 da Unidade 1, que possui uma seção intitulada “As palavras no contexto”. Esta seção explica os conceitos de efeito de sentido e de linguagem figurada a partir de uma abordagem que coloca o contexto como primordial para a construção do significado.

“Às vezes, o sentido de uma palavra (ou de uma expressão) só pode ser bem compreendido se levamos em conta não só o enunciado ou a frase em que ocorre, mas todo o contexto em que a palavra ou expressão foi utilizada. Tal é o caso do verbo confeccionar, empregado na linha 25 do texto 1. O uso dessa palavra produz efeito no texto. Isso é o que chamados de efeito de sentido. O verbo confeccionar refere-se à construção ou fabricação de coisas ou objetos: ao empregá-lo em relação ao menino, o efeito de sentido que se obtém é o de “coisificação” – como se o menino fosse “coisa” ou “objeto” (p. 57)”.

Anteriormente a essa explicação, há alguns exercícios que se propõem a trabalhar o sentido de algumas palavras do texto “O menino que escrevia versos”, de Mia Couto:

1. Releia:

- Serafina, você hoje cheira a óleo Castrol. (linha 20)

Castrol é a marca de um óleo utilizado para lubrificar internamente motores de carro. Explique a lógica da frase do pai do menino dirigida a dona Serafina.

2. Observe o seguinte trecho:

O filho fora confeccionado nesses namoros de unha suja, restos de combustível manchando o lençol. E oleosas confissões de amor. (linhas 25-27)

a) Leia o que o Dicionário eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa traz no verbete confeccionar.

Verbo

Transitivo direto

1. Juntas ingredientes para preparar (iguaria, bebida, medicamento, etc.) Ex.: ela confeccionou bolos maravilhosos.
 2. Fabricar (roupas de vestuário, de cama e mesa, complementos, como bolsas e cintos, adereços, bijuteria, etc.)
- b) Qual o sentido do verbo no texto? Explique. (p. 56)

A primeira questão explora a relação metafórica que pai, que é mecânico, constrói ao se dirigir a dona Serafina. Isso significa dizer que a questão tem seu foco no plano dos sentidos e também proporciona uma reflexão sobre como essa metáfora atua na construção do texto, que efeito de sentido ela produz.

A segunda questão chama atenção por lançar mão de um outro instrumento didático, o dicionário, e de das acepções que este traz para o verbo “confeccionar”. Para responder à

2b, o aluno precisa depreender o sentido do verbo no texto em análise, compará-lo às acepções presentes no dicionário e concluir se são diferentes ou semelhantes. É um processo de reflexão complexo, em que o estudante precisará utilizar a sua competência lexical.

O outro capítulo em destaque é o Capítulo 3, da Unidade 6, que possui uma seção denominada “Léxico e Relações de sentido”. A explicação se inicia com os conceitos de léxico, “conjunto de palavras da língua” (p. 236), e de sentido, definido como o significado que a palavra assume quando empregada em um texto. (p. 236) Os autores ressaltam a importância do contexto para o estudo do significado: “O sentido surge no contexto pelas relações que se estabelecem entre a palavra empregada e as outras do texto.” (p. 236) Sinonímia e antonímia, hiponímia e hiperonímia, campo lexical, polissemia e ambiguidade são outros conceitos abordados ao longo do capítulo.

A polissemia é definida pelos autores como um fenômeno de multiplicidade de significados das palavras e eles complementam dizendo que a maioria das palavras da língua são polissêmicas porque a polissemia é natural da linguagem humana. Afirmam também que o fenômeno é causado por expansões ou transferências de sentido e que pode gerar ambiguidades.

Quanto aos exercícios, há uma questão em que vários pares de palavra, como repudiar/rejeitar, por exemplo, são apresentados como sinônimos em alguns contextos. Em seguida, o enunciado da questão pede para que o aluno explique porque não são sinônimos perfeitos. Há também uma questão que pede para que os alunos procurem um texto e identifiquem nele hipônimos e hiperônimos e, logo depois, propõe que eles reformulem o texto utilizando os hipônimos e hiperônimos encontrados.

A questão referente a polissemia pede para que os alunos procurem as palavras “fênix” e “dragão”, afirmando que elas são polissêmicas, no dicionário para descobrir quais sentidos elas possuem. Depois disso, sugere que os alunos construam frases com os sentidos das palavras que não foram trabalhados no texto do capítulo. As questões de ambiguidade se atêm a resolver as ambiguidades em orações selecionadas e também a escrever interpretações possíveis para estas orações.

Chama atenção o fato de esses exercícios se utilizarem de frases ou palavras isoladas, já que não há um texto que sirva de base para as questões, ou seja, as palavras e frases estão descontextualizadas, algo que vai contra ao que é proposto nas explicações

presentes no próprio livro didático. Falando especificamente da questão que trata da polissemia, não há estímulo para a reflexão linguística, pois o enunciado já afirma que as palavras são polissêmicas. Solicitar que os estudantes construam frases isoladas também parece incoerente com a proposta do livro, que se organiza a partir de gêneros textuais, pois essa vertente teórica reconhece a importância da situação comunicativa – por que escrever? , para quem escrever?, como escrever? - para que uma produção seja relevante para o aluno. A mesma crítica pode ser feita à questão sobre ambiguidade. Ela não explora o fenômeno e como ele atua na construção do texto, já que apresenta frases idealizadas e não em contexto real de uso, mas o vê como um problema que deve ser solucionado para que o texto seja compreendido corretamente.

Ao fim desta seção, há um box que diferencia polissemia e homonímia: “A homonímia é um fenômeno que acontece quando duas palavras, com origens e significados diversos, não relacionados, têm grafia e/ou pronúncia idênticas. (...) Não se trata de uma só palavra, mas de duas palavras diferentes.” (p. 241)

Para os autores, a polissemia seria o fenômeno que faz a mesma palavra ter vários significados, enquanto a homonímia envolveria duas palavras.

Os processos de formação de palavras são estudados no capítulo 2, da unidade 1, do livro destinado ao 3º ano. São abordados os processos de derivação (prefixal, sufixal, parassintética, regressiva e imprópria), de composição (por justaposição e por aglutinação), onomatopeia, sigla, abreviação ou redução, reduplicação e hibridismo. O uso do hífen também é abordado no capítulo.

A abordagem do tema neste livro se diferencia dos demais porque ele inicia a explicação falando sobre neologismos. Apesar de não apresentarem uma definição para o termo, os autores salientam que as palavras neológicas seguem os processos de formação da língua e, por isso, um falante consegue entender seus significados, mesmo que elas não estejam registradas no dicionário. (p. 94)

Além disso, antes de descrever os processos de formação, os autores chamam atenção para as três formas pelas quais um neologismo se forma: processos de formação de palavras (morfologia), mudança de sentido de palavras que já existem e empréstimos de palavras de outras línguas. Pode-se perceber que há uma menção breve à neologia

semântica, mas ela não é considerada, assim como os empréstimos lexicais, um processo de formação de palavras por não haver alteração na estrutura morfológica dos vocábulos.

Os exercícios deste capítulo seguem o mesmo padrão dos apresentados no livro do 1º ano. São questões descontextualizadas e com foco na nomeação dos processos de formação, a formar palavras seguindo um processo específico e a construir frases com essas palavras, como pode ser observado nas imagens que se seguem.

Composição por aglutinação

Veja:

plano + alto = planalto
 água + ardente = aguardente

Nesses casos, um dos termos perdeu sua autonomia fonética. Esse tipo de composição chama-se **aglutinação** (*aglutinar* significa 'unir, ligar, colar').

Os vocábulos formadores se fundiram, e dessa fusão resultou uma nova palavra, com acento único:

plano + alto – as sílabas tônicas são as destacadas
 planalto – a sílaba tônica é a destacada

10 Identifique se as palavras a seguir foram compostas por justaposição ou aglutinação:

a) para-raios justaposição b) malmequer justaposição c) cabisbaixo aglutinação d) vaivém justaposição

UNIDADE 1 SE BEM ME LEMBRO...

Figura 15 - Exercícios Composição por aglutinação

11 Em seu caderno, com base nos termos abaixo, forme palavras compostas por aglutinação para designar o que se pede.

óleo alta agudo ponta perna pedra

a) que termina em ponta aguçada pontiagudo
 b) que tem pernas altas pernalta
 c) combustível que se encontra em rochas sedimentares petróleo

formação de palavras

Figura 16 - Exercícios composição

Como se pode perceber, são exercícios de pouca complexidade, mecânicos, que não exigem elaboração por parte do aluno e que não proporcionam uma reflexão sobre o processo estudado e sobre o sistema linguístico.

A partir da análise dessas quatro coleções de livros didáticos, podemos concluir que não há uma uniformidade dos conteúdos tratados. Com relação ao estudo dos processos de formação de palavras, o que se observa é uma primazia pela forma, visto que os processos abordados são aqueles em que há mudança morfológica no vocábulo. Além disso, por mais que mudanças semânticas acompanhem as mudanças estruturais em muitos casos, as definições não contemplam o plano do significado.

Apesar de haver uma certa padronização nesses capítulos, já que derivação e composição são processos que sempre são tratados, há também variação quanto aos outros conteúdos, pois nem todas as coleções abordam a neologia, os empréstimos lexicais ou mesmo o hibridismo, a formação de siglas, a redução, etc. Pode-se perceber que quando se trata especificamente de neologia, o tratamento nos livros didáticos é muito discrepante. Enquanto a coleção *Língua Portuguesa – linguagem e interação* aborda as formas de se criar neologismos e até cita, de forma implícita, o critério de exclusão lexicográfica, a coleção *Português – Contexto, texto, interlocução e sentido* coloca as formações neológicas como um processo à parte dos outros.

Nos capítulos referentes ao conteúdo de relações lexicais, essa variação é ainda maior. Ambiguidade e homonímia nem sempre são estudados e as definições para polissemia, conceito que interessa a este trabalho, diferem muito. Algumas coleções consideram o contexto como relevantes, outras não. Algumas coleções ressaltam que a polissemia é uma propriedade da língua, outras afirmam que é uma propriedade das palavras. No entanto, o que há de semelhante é que nenhuma delas considera que por meio da polissemia se criam novas palavras.

Quanto aos exercícios, podemos dizer que há um padrão. Apesar de alguns dos exemplos discutidos aqui se destacarem, a maioria das atividades prezam pelos aspectos formais e se focam na nomeação dos processos. O uso de palavras desatualizadas e descontextualizadas também prevalece, assim como as atividades rasas e mecânicas, que são puramente gramaticais e não propiciam reflexão e análise linguística.

Por fim, outro aspecto a ser observado é o fato de poucos exercícios solicitarem produção por parte do aluno. Na maior parte do tempo, ele é passivo, apenas identifica e nomeia processos. E, mesmo quando o estudante assume um papel mais ativo, nem sempre a tarefa é relevante para a sua formação, como no caso de solicitar a construção de uma frase com a palavra em questão, porque o resultado do trabalho fica totalmente descontextualizado e sem propósito comunicativo.

CAPÍTULO 3

A NEOLOGIA SEMÂNTICA COMO PROCESSO DE FORMAÇÃO DE PALAVRAS

Neste capítulo serão analisados os neologismos semânticos presentes no *corpus* do Observatório de Neologia na Publicidade Impressa. O objetivo é demonstrar, a partir dessas ocorrências, a neologia semântica como um processo de formação de palavras.

3.1 - Análise do *corpus*

A primeira ocorrência a ser analisada é a palavra “rótulo”, que aparece no seguinte contexto:

“Assine já o Beer Pro deste mês e receba uma seleção de cervejas ideal para aproveitar o clima tropical brasileiro. São dois rótulos nacionais da cervejaria Morada, duas Erdingers importadas direto da Alemanha e mais 1 copo desta incrível cervejaria alemã.” (VEJA, 11/01/17, p. 18 e 19)

Quando se trabalha com neologia semântica, é importante saber como a unidade lexical está definida no dicionário. No Dicionário Aulete (2011), que compõe o *corpus* de exclusão lexicográfica deste trabalho, rótulo apresenta as seguintes acepções:

(ró.tu.lo)

sm.

1. Etiqueta com informações sobre o produto (nome, marca, fabricante, prazo de validade, componentes etc.) que se afixa na embalagem.
 2. Essa mesma etiqueta com informações elogiosas sobre o fabricante e o produto que se coloca nas garrafas de vinho, uísque etc.
 3. Dístico na lombada dos livros.
 4. Rel. Grade das janelas e portas dos confessionários, clausuras etc.
 5. Fig. Classificação, em geral superficial e preconceituosa, que se atribui a alguém;
- PECHA: *Deram-lhe logo o rótulo de namorador e preguiçoso.*

Como o anúncio se trata de um produto, é fácil perceber que as duas primeiras acepções seriam as mais relacionáveis. No entanto, nenhuma das delas contempla o real significado de rótulo na peça publicitária. Ao analisar com atenção o enunciado, percebe-se que o Beer Pro é uma caixa de assinaturas de cervejas artesanais, logo, não há como enviar aos assinantes apenas as etiquetas com as informações sobre as cervejas da Morada e da Erdinger. Portanto, rótulo, neste contexto, significa a própria cerveja, ou seja, a garrafa e seu conteúdo e também a etiqueta. Semanticamente, é interessante notar que são denominadas por rótulo cervejas – e também vinhos – especiais, ou seja, bebidas consideradas mais refinadas, diferentes das marcas de cerveja mais populares.

Além disso, é importante perceber qual processo origina essa nova significação. Há uma relação de contiguidade entre a primeira acepção presente no dicionário e aquela presente no anúncio. Rótulo deixa de significar apenas a etiqueta do produto (parte) para significar o produto por completo (todo). Essa relação de substituição da “parte” pelo “todo” configura um caso de metonímia. Pode-se dizer também que esse processo metonímico causa uma expansão da acepção mais frequente de rótulo, e que esse novo significado está de certa forma ligado ao primeiro, gerando polissemia.

O exemplo de “desktop” também se trata de um caso de metonímia: "São mais de 35 milhões de músicas sem anúncios para você criar suas playlists favoritas e ouvir quando e onde quiser: do seu smartphone, tablet ou desktop." (VEJA, 04/01/17, p. 12)

Apesar de ter origem estrangeira, a palavra “desktop” já foi incorporada ao léxico do português e está dicionarizada. No Dicionário Aulete (2011), é definida como um componente que aparece na tela do computador:

(Ing. /désctop/)

sm.

1. Inf. Na tela do computador, representação gráfica dos principais programas e periféricos utilizados, por meio de ícones dispostos de modo a dar à tela o aspecto de uma mesa de trabalho; ÁREA DE TRABALHO

Contudo, no contexto do anúncio “desktop” não se refere a algo que está na tela do computador (parte), mas sim ao computador inteiro, ao equipamento (todo). Pode-se inferir isso ao analisar as palavras “smartphone” e “tablet”, que co-ocorrem com “desktop”. Os primeiros são equipamentos eletrônicos e, por proximidade sintático-semântica (os termos possuem a mesma função sintática no enunciado, compõem uma enumeração), o leitor relaciona “desktop” ao computador de mesa, que também é um equipamento eletrônico.

Assim como no exemplo anterior, há uma expansão do sentido original de desktop, e pelos sentidos antigo e novo manterem uma ligação entre si, esta ocorrência também configura um caso de polissemia, ocasionada por um processo metonímico.

Outro exemplo interessante para ser discutido é o de “DNA”, que aparece em uma publicidade do meio automobilístico: “Chegou o Discovery Sport. O carro que faltava para quem nasceu com DNA da aventura.” (VEJA, 26/08/15, p. 37)

DNA é um termo da área da biologia, mais especificamente da genética, como mostra a definição do dicionário Aulete: “sm. 1. Gen. Sigla do inglês *desoxyribonucleic acid* (ácido desoxirribonucleico) [Ver *ADN*.]” Sabe-se também que o DNA é um composto orgânico cujas moléculas carregam em si as instruções genéticas que comandam o desenvolvimento e o funcionamento dos seres vivos e transmitem as características hereditárias destes. O DNA é o que identifica o indivíduo, tanto que por meio dele consegue-se descobrir os genitores, traçar a ancestralidade, elaborar um perfil metabólico e até mesmo identificar cadáveres desconfigurados.

No entanto, ao ser utilizada no anúncio publicitário, a sigla “DNA” não se refere necessariamente ao composto orgânico, pois a aventura não é algo que se pode registrar geneticamente, já que é uma característica comportamental. Na publicidade, há um uso metafórico da sigla, que pode ser quase um sinônimo para “marca” ou “gosto”. O produto anunciado é destinado a quem já nasceu, ou seja, “tem nas veias” – como o DNA – o gosto, o desejo, pela aventura. Em outras palavras, o que identifica, o que marca o público-alvo do produto é a característica de gostar de aventura. Quando o anunciante coloca esse gosto como algo que está no DNA do indivíduo, torna-o muito mais intenso e marcante. Como pode-se perceber, o sentido novo de DNA também guarda relação com o sentido original da sigla, pois se trata de uma extensão metafórica, portanto, essa ocorrência configura um caso de polissemia.

Como dito anteriormente, essa sigla pertence ao domínio da genética, é um termo desta área de conhecimento. Ao passo em que há o processo de metáfora acima descrito, há também uma espécie de transposição, que faz com que o termo deixe de pertencer a um vocabulário de especialidade e se integre ao léxico comum. Alves (1990), Carvalho (2012) e Valente (2014) descreveram essa como uma das maneiras de se formar um neologismo semântico. Valente (2014), utilizando a proposta de Guilbert (1973), classifica esse processo como “neologia sociológica”.

Uma outra ocorrência em que conseguimos verificar a presença de um processo metafórico é “combustível”, que aparece no seguinte contexto: “O combustível diário que

o nosso corpo precisa." (VEJA, 08/04/15, p. 35) [Trata-se de um anúncio de um suplemento vitamínico, que deve ser tomado diariamente.]

Buscando pela definição de combustível no dicionário Aulete (2011), encontram-se as acepções:

(com.bus.tí.vel)

a2g.

1. Que tem a propriedade de se incendiar, de poder arder, queimar, consumir-se em combustão.

2. Fig. Diz-se de situação, condições, estado de coisas passíveis de redundar em conflito, disputa, guerra etc.

sm.

3. Substância, produto ou material que produz combustão, esp. como fonte de energia em máquinas, motores, usinas, geradores etc..

Ao comparar as quatro acepções, é possível notar uma semelhança entre a terceira definição do dicionário e o significado da ocorrência neológica. Para construir a definição do neologismo, é preciso compreender que complexos vitamínicos geralmente são consumidos com o objetivo de repor vitaminas e minerais no organismo, de maneira que este funcione de forma equilibrada e com mais energia. Ao utilizar a palavra “combustível” para descrever o produto, o anunciante não almeja comunicar que a ação do seu produto é produzir combustão no corpo, mas sim que o complexo vitamínico faz com o que o corpo funcione melhor, já que dá a ele mais nutrientes e, por conseguinte, mais energia.

A metáfora se dá em duas frentes. A primeira é a de que combustível é energia e a segunda é a de que corpo é máquina. Combustíveis são geralmente utilizados em máquinas para que elas consigam se movimentar e/ou gerar energia. Ao dizer que o suplemento atua como um combustível no organismo, o corpo humano é implicitamente comparado a uma máquina, que precisa de energia para se movimentar, ou melhor, viver. O novo significado é uma extensão metafórica de outro já existente, portanto, trata-se de um caso de polissemia.

A ocorrência “esquentou” também possibilita uma análise interessante: "O calor da estação também **esquentou** os descontos nas bancas. Aproveite e escolha suas revistas preferidas." (VEJA, 11/01/17, p. 25)

No dicionário, as acepções registradas são as seguintes:

(es.quen.tar)

v.

1. Elevar(-se) a temperatura de; AQUECER(-SE) [td. : Já esquentei o jantar: Tomou um chocolate quente para se esquentar] [int. : A calota polar está esquentando e derretendo]

2. Fig. Animar(-se), agitar(-se) [td. : *O entrevistador tentou esquentar o debate*] [int. : *Agora a temporada musical vai esquentar!*]
3. Fig. Pop. Irritar(-se), preocupar(-se) [td. : *A expulsão do jogador esquentou os ânimos*] [int. : *Não esquente, isso passa! : Você se esquentou à toa!*]
4. Fig. Preparar (instrumento, dispositivo etc.) para o uso, aquecendo, fazendo funcionar um pouco antes [td. : *esquentar o motor*]

Pode-se perceber que nenhuma das definições apresentadas contempla o significado que a lexia possui no contexto. No caso, “esquentar” é sinônimo de “aumentar”, isto é, o sentido de elevação, presente na acepção 1, permanece, mas no anúncio são os descontos que aumentam e não a temperatura. No entanto, a escolha por usar a lexia “esquentou” não foi aleatória, pois ela faz alusão ao clima na época do ano em que o anúncio foi veiculado (mês de janeiro, alto verão) e se relaciona, no nível da frase, à expressão “o calor da estação”. Assim como nos outros casos analisados até o momento, aqui também se configura um caso de polissemia, ocasionada pelo processo metafórico que gerou um novo significado para a forma “esquentar”.

A última ocorrência envolvendo metáfora que será analisada é “arraste”, que aparece no seguinte contexto: “Sabe todos aqueles produtos incríveis que você vê nas suas revistas preferidas? Arraste para a sua casa. Acesse o novo e-commerce da Abril (VEJA, 11/01/17, p. 10 e 11)”.

No dicionário Aulete, o verbo “arrastar” possui 11 acepções, das quais se destacam a de número 1 e a de número 7:

(ar.ras.tar)

v.

1. Puxar ou empurrar (algo, alguém) sem levantar do chão ou da superfície em que se apoia. [td. : *Arrastou a mesa para tirar as teias de aranha.*] [tda. : *Arrastei o caixote do quarto até o corredor.*]

(...)

7. Inf. Mover algum objeto na tela do computador usando o *mouse*. [td. : *arrastar um ícone.*]

Como se pode observar, a primeira acepção é a mais comum, a que apresenta maior frequência de uso. No entanto, o anúncio trata da divulgação de um e-commerce, isto é, uma loja virtual; portanto, a acepção 7 se mostra relevante para a compreensão do sentido de arrastar no texto, porque diz respeito ao domínio da informática.

O novo significado para “arrastar” se dá a partir de uma expansão da sétima acepção. Observando-se não só o texto verbal, mas também o não-verbal, percebe-se que o e-commerce tem como objetivo possibilitar que o leitor das publicações Abril possa adquirir os produtos que mais gostou nas revistas que leu. Portanto, “arrastar” não significa apenas mover um ícone na tela do computador ou smartphone. O locativo “para a sua casa” indica que esse movimento é, na verdade, uma compra. Ou seja, “arrastar”, nessa peça publicitária, ganha o sentido de “comprar”.

Figura 17 - Publicidade "arrastar"

Por se tratar de um texto multimodal, a publicidade impressa lança mão de textos não-verbais para complementar os textos verbais e, assim, construir a comunicação com o leitor e alcançar seu principal objetivo, a persuasão. Neste anúncio em específico, três elementos visuais corroboram o sentido de “comprar” expresso pelo verbo “arrastar”: os objetos (móveis, eletrônicos, itens decorativos) em um plano anterior ao da revista, como se estivessem sendo retirados dela, as etiquetas de preço que estão afixadas em cada um deles, e o ícone de “mãozinha” - que aparece quando se clica em e/ou se move algum item na tela de um computador - que está sobre cada um dos objetos. Esses elementos visuais também constituem o contexto da peça publicitária e, portanto, precisam ser analisados.

Outra ocorrência em que a análise dos elementos visuais se faz altamente relevante é “pet”:



Figura 18 - Propaganda "Pet"

Essa propaganda é parte de uma campanha, feita pela prefeitura de Santos, para alertar sobre o fato de o abandono animal ser um crime previsto em lei. Analisando-se o verbete de “pet” encontrado no dicionário, é possível perceber o texto acima apresenta dois neologismos semânticos:

PET

a.

1. Quím. Material termoplástico que pode ser reprocessado diversas vezes quando aquecido em temperaturas adequadas, muito us. em embalagens (garrafas PET). [Abr. de polietileno tereftalato, desenvolvido em 1941 pelo químicos ingleses Whinfield e Dickson.]

O primeiro neologismo surge a partir de um processo metonímico. No verbete, “pet” é descrito como um material utilizado para fabricar embalagens, dentre elas, a *garrafa pet*. Entretanto, no enunciado, percebe-se que a palavra “pet” já encerra em si o sentido de garrafa – a própria imagem facilita essa interpretação -, portanto, “pet” deixa de significar apenas um componente para significar o produto final. Tem-se, então, mais um caso de polissemia, já que os sentidos novo e antigo estão relacionados.

Entretanto, “pet” ocorre duas vezes no anúncio, a segunda de forma implícita. Novamente, é a imagem - além da estrutura sintática em “esse não” que indica as elipses - que recupera na mente do leitor a unidade lexical “pet”, desta vez com o sentido de “animal de estimação”. Ferraz e Filho (2016) apontam que, em textos multimodais, os elementos não-verbais não só compõem o texto, mas contribuem para a construção dos significados dos elementos verbais. Em outras palavras, as imagens colaboram para a modificação no nível conceitual da qual resulta o neologismo semântico.

É interessante perceber, ao comparar as duas acepções presentes na propaganda, que entre elas não há uma ligação semântica. “Pet”, significando garrafa plástica, é uma abreviação do nome de um composto químico; enquanto “pet”, significando animal de estimação, é uma palavra importada do inglês. Logo, um sentido não pode ser uma expansão do outro. Por possuírem origens distintas, as acepções de “pet”, na propaganda em análise, configuram um caso de homonímia. É importante salientar que a primeira acepção, por ser uma expansão do sentido já dicionarizado, constitui um caso de polissemia com esse.

Um outro caso de homonímia encontrado no *corpus* é o de “HD”: “Faça vídeos e fotografias em HD com muita discrição.” (VEJA, 06/0416, p. 49)

A sigla “HD” já está dicionarizada com sentido de “hard disk”, ou disco rígido, peça importante de um computador. No entanto, no contexto em análise, “HD” é uma sigla para “high definition”, ou alta definição, que diz respeito à qualidade de resolução da imagem em uma foto ou vídeo. São duas origens não relacionadas que geraram siglas homônimas.

No Quadro 1, encontram-se listadas as outras ocorrências de neologia semântica presentes no *corpus*:

Quadro 1 – Neologismos semânticos na publicidade impressa

OCORRÊNCIA	FORMAÇÃO	REVISTA VEJA
<p>“Neymar Jr escolheu a internet da Claro. Esse é o time campeão. Internet turbinada da Claro: mais internet, mais qualidade, e nenhum centavo a mais em todos os planos: pós, pré e <u>controle</u>. Aproveite o 4G da Claro, eleito o mais rápido do Brasil pelo segundo ano consecutivo.”</p>	<p>Polissemia: metáfora</p>	<p>06/05/15, p. 25</p>
<p>“Desodorantes <u>Body Spray</u> O Boticário. Mais de 20 fragrâncias com 30% de desconto. Escolha a sua”.</p>	<p>Homonímia</p>	<p>13/05/15, p. 55</p>
<p>“Smartphones <u>top</u> todo ano só no Claro up. Para você aproveitar a vida. Agora.”</p>	<p>Polissemia: metáfora</p>	<p>13/05/15, p. 10 e 11</p>
<p>“Chegou o plano que toda empresa vai falar bem. Tim Empresa Tarifa <u>Flat</u>”</p>	<p>Polissemia: metáfora</p>	<p>27/05/15, p. 2 e 3</p>
<p>"TV, internet, <u>fixo</u> e celular. Tudo isso em uma única conta e atendimento"</p>	<p>Polissemia: metáfora</p>	<p>01/04/15, p. 35</p>
<p>"<u>Quilômetros</u> de história" (GOODYEAR)</p>	<p>Polissemia: metáfora</p>	<p>22/07/15, p. 99</p>
<p>"Ligações ilimitadas para Vivo fixo e <u>móvel</u>"</p>	<p>Polissemia: metáfora</p>	<p>22/04/15, p. 4 e 5</p>
<p>"Na loja online 40% <u>off</u> na compra de 2 peças 50% <u>off</u> a partir de 3 peças"</p>	<p>Homonímia</p>	<p>28/01/15, p. 99</p>
<p>"Ampla <u>plataforma</u> de soluções de pagamento, inclusive para e-commerce e mobile"</p>	<p>Polissemia: metáfora</p>	<p>28/01/15, p. 2 e 3</p>
<p>"Acompanhamento em tempo real das suas compras"</p>	<p>Polissemia: metáfora</p>	<p>11/01/17, p. 4 e 5</p>

<p>pelo aplicativo Ourocard Alertas sobre a utilização do <u>limite</u> e melhor data para compras".</p>		
<p>"(...) começar o novo <u>ciclo</u> com a alma lavada."</p>	Polissemia: metáfora	04/01/17, p. 17
<p>"Listamos tudo o que será relevante durante o ano para colocar já no <u>radar</u>."</p>	Polissemia: metáfora	04/01/17, p. 17
<p>"Tem gente que perde pontos em 2 anos. Tem gente que ganha <u>milhas</u> que valem por até 6 anos" // "Faltam <u>milhas</u>, mas sobra vontade de viajar? Aproveite o emissão sem <u>milhas</u> Smiles" // "Já imaginou receber <u>milhas</u> todo mês e ter acesso antecipado a promoções?" // "Suas <u>milhas</u> valem por até 6 anos. Maior validade do mercado. // Vai viajar e não reservou hotel que dá <u>milhas</u> pelas diárias? Por quê?"</p>	Polissemia: metáfora	25/01/17, p. 4; 08/02/17, p. 7; 15/02/17, p. 7; 22/02/17, p. 7; 01/03/17, p. 7

A literatura sobre neologia semântica (ALVES, 1990; FERRAZ, 2006; FERRAZ, 2010a; CARVALHO, 2012; VALENTE, 2014) afirma que o processo ocorre a partir da transformação de um significado já existente. Nas palavras de Ferraz (2010): “Em verdade, trata-se de uma expansão de sentido, quando da reutilização, com novos significados, de unidades léxicas já existentes no sistema (p. 67)”. Ainda com relação à caracterização do fenômeno, Carvalho (2012) afirma que “o ponto de partida da mudança de sentido através do fortalecimento de determinado traço conotativo de um significado é a polissemia (p.24)”. Isso significa dizer que a neologia semântica é entendida como um processo que resulta da polissemia, uma propriedade das línguas naturais.

Após uma análise detalhada de algumas ocorrências e de uma breve análise do Quadro 1, nota-se que os casos que configuram polissemia são mais frequentes, estão em maior quantidade no *corpus*. Contudo, quatro casos de neologismos semânticos causados

por homonímia foram encontrados, algo que não aparece com destaque na literatura consultada, mas aponta mais uma característica desse fenômeno.

3.2 – A neologia semântica como processo de formação de palavras

Quando se discute um processo de formação de palavras se faz necessário esclarecer quais os critérios são utilizados para delimitar o que é uma palavra. Biderman (1999, 2001) afirma que o conceito de palavra, apesar de problemático para os estudos linguísticos, é crucial, porque é base da gramática clássica. Para a autora, o conceito de palavra não pode ser universal, visto que cada língua recorta a realidade de uma maneira diferente, tem sua maneira de categorizar o mundo, algo que se reflete em sua estrutura. Portanto, ela se propõe a descrever os critérios utilizados pelos linguistas para a delimitação da palavra, a saber, o fonológico, o gramatical (ou morfossintático) e o semântico, e como eles funcionam na língua portuguesa.

O critério fonológico considera como palavra uma sequência fonológica que recorre sempre com o mesmo significado e seria possível identificar uma palavra a partir das pausas após o fim de cada grupo fônico. Segundo a autora, este critério é problemático porque às vezes as fronteiras vocabulares podem não coincidir com os limites do grupo fônico. Além disso, as pausas podem variar de acordo com o tipo de texto e de leitura que se faz.

O gramatical é, para a autora, a segunda parte da análise e há dois critérios atuando simultaneamente, sendo um formal, a classificação gramatical da palavra, e outro funcional, a função exercida pela palavra na sentença. A análise morfossintática não é suficiente para delimitar de maneira correta as palavras no português porque o vocábulo morfológico pode não coincidir com o vocábulo fonológico, como no caso de contrações como “no” e “da”. Ademais, as palavras podem ser influenciadas pela sintaxe e adquirirem funções diferentes, pois constituem cadeias sintagmáticas únicas.

Por fim, Biderman (1999, 2001) apresenta o critério semântico: “como Ullmann (1952:33), vamos considerar a palavra como uma unidade semântica indecomponível (1999, p. 87)”. Para o semanticista húngaro, uma palavra seria a unidade semântica mínima do discurso e, se existissem unidades menores com significação, esta não seria uma

significação autônoma. Segundo a autora, o critério semântico é o mais importante dentre os três porque é decisivo para a identificação da palavra:

“Insistimos na postura teórica dos semanticistas para lembrar que a definição e a delimitação da unidade léxica não podem prescindir do critério semântico. Se a fonologia nos ajuda a reconhecer segmentos coesos fonicamente e se a gramática nos leva a identificar as formas linguísticas manifestas nesses segmentos, só a dimensão semântica nos fornece a chave para a unidade léxica expressa no discurso. Se a informação semântica não congrega todos os outros elementos no topo da hierarquia, os resultados da análise linguística serão distorcidos, como já advertia Ullmann.” (BIDERMAN, 2001, p. 155)

Biderman (2001) ainda afirma que a palavra, em sua face semântica, é objeto de estudo principal da Lexicologia e da Lexicografia. Portanto, não há como desconsiderar a importância do nível do sentido. A partir da definição de palavra apresentada por Ullmann, e adotada por Biderman (1999, 2001), é possível depreender que a cada unidade de sentido corresponde a uma palavra. Logo, se uma unidade de sentido sofre alguma alteração, surge uma outra unidade, e, assim, uma nova palavra.

Alves (1990) também apresenta esta ideia, mas com outras palavras, ao descrever os neologismos conceituais: “qualquer transformação semântica manifestada num item lexical ocasiona a criação de um novo elemento (p. 62).” O novo elemento ao qual a autora se refere é uma nova palavra, originada pelo processo da neologia semântica. Sabe-se que o signo linguístico, conceituado por Saussure, é a união de um significante a um significado. De maneira mais simplificada, pode-se dizer que a palavra é uma junção de forma e significado, como uma equação: $P = F + S$.

Assim como na Matemática, quando se altera um dos fatores de uma equação, altera-se também seu resultado final, na língua acontece o mesmo. No processo de truncamento – ou redução, como é chamado nas gramáticas e livros didáticos – “refrigerante > refri”, há uma alteração apenas no significante, isto é, na forma. Apesar disso, tem-se uma nova palavra. O significado pode ser o mesmo, o comportamento sintático também, mas a morfologia muda e o uso muda também. “Refri” é uma palavra que será utilizada em contexto mais informais que “refrigerante”.

O mesmo raciocínio pode ser aplicado ao componente do significado. Ao ter o sentido alterado, um dos fatores da “equação”, o resultado também muda, porque surge uma nova unidade de sentido. Tomando como exemplo a ocorrência “rótulo”, analisada

anteriormente neste capítulo, percebe-se que o novo significado ao mesmo tempo que se relaciona com o antigo, diferencia-se dele também. Enquanto a acepção dicionarizada indica rótulo como uma etiqueta afixada em produtos, a acepção neológica designa não apenas um produto, mas um produto específico, cervejas e vinhos especiais. A estrutura e a classe gramatical podem não ter sido alteradas, mas se tem uma outra palavra porque a mudança semântica faz com que o seu “comportamento” seja diferente. Não se usa “rótulo”, sinônimo de “etiqueta”, no mesmo contexto que se usa rótulo como sinônimo de “cerveja especial”. Como consequência disso, as outras palavras com as quais “rótulo” vai co-ocorrer serão diferentes dependendo da acepção utilizada. De acordo com Carvalho (2012), “qualquer alteração nas conotações de um significado altera-o em sua totalidade.” (p. 24). A partir dessa afirmação, pode-se entender que a modificação do sentido não precisa ser total para que ele seja considerado novo, basta ser diferente da acepção já utilizada.

É preciso destacar também o papel do contexto nesse processo. Biderman (2001), citando Hjelmslev (1975), afirma que para esse linguista “toda a significação decorre do contexto e só existe com relação a ele (p. 187)”. Ao longo das análises realizadas, é possível notar que foi a partir do contexto de uso da unidade lexical que se pôde afirmar que surgiu ali um novo sentido.

No caso de “esquentar”, por exemplo, foi a partir do objeto “os descontos” que foi possível identificar que o verbo estava sendo utilizado de forma metafórica e, por isso, adquirindo um novo significado. O mesmo pode ser dito sobre “desktop”. O leitor consegue inferir que se trata de um computador de mesa, e não da área de trabalho na tela do computador, porque a lexia está ao lado de “smartphone” e “tablet”, que são também equipamentos eletrônicos.

No caso de “arrastar”, o contexto, incluindo os componentes não-verbais descritos acima, foi crucial para a determinação do novo significado. Quanto aos componentes verbais do anúncio, o locativo “para a sua casa”, como dito anteriormente, indica que a ação de arrastar se trata, na verdade, de uma compra. O fato de se tratar de um anúncio de um e-commerce também contribui para a construção do sentido de “arrastar”. Se alguém “leva para casa” algum produto depois de visitar um e-commerce, significa que comprou tal produto.

É possível dizer, então, que o sentido linguístico emerge do contexto, isto é, determinada palavra só possui tal significado por causa da relação que ela estabelece com as outras palavras que a cercam no texto, por causa dos elementos não-verbais presentes - no caso de textos multimodais como as peças publicitárias -, e por causa das informações necessárias para que qualquer ato comunicativo se estabeleça, como quem é o locutor, qual é o público-alvo, qual o gênero textual utilizado, qual o objetivo da comunicação, etc. Logo, o contexto não apenas interfere no significado, mas o determina. A partir desse raciocínio, podemos afirmar que, ao mudar o contexto, o sentido da palavra muda também. E, se o sentido muda, tem-se uma nova palavra.

3.3 – A neologia semântica nas gramáticas escolares

Apesar de as pesquisas na área da Lexicologia, como visto, comprovarem a importância do estudo da estrutura semântica das palavras, os livros didáticos e gramáticas escolares parecem ainda não terem reconhecido essa relevância. No capítulo anterior, coleções de livros didáticos destinados ao Ensino Médio foram avaliados e a conclusão a que se chegou foi a de que os conteúdos semânticos estão restritos ao capítulo que aborda relações lexicais como sinonímia e antonímia, homonímia, hiperonímia, polissemia, etc.

Já os capítulos que tratam dos processos de formação de palavras não contemplam a neologia semântica. O conteúdo privilegia o estudo dos processos formais, principalmente derivação e composição, citando alguns outros como os empréstimos lexicais, siglagem e onomatopeias.

Buscando verificar o tratamento da neologia semântica em outros materiais didáticos, foram analisadas três gramáticas escolares, a saber: *Gramática Contemporânea da Língua Portuguesa*, de José de Nicola e Ulisses Infante; *Gramática da Língua Portuguesa*, de Roberto Melo Mesquita e *Gramática da Língua Portuguesa*, de Cipro Neto Pasquale.

A gramática de Nicola e Infante se divide em cinco partes: História da língua portuguesa, Fonologia, Morfologia, Sintaxe e um suplemento destinado à ortoépia e às

figuras de linguagem. Na área da Morfologia, o primeiro capítulo é o que trata dos processos de formação de palavras.

Quanto ao conteúdo, o capítulo começa com explicações sobre os morfemas e como eles são classificados. Em seguida, os processos são abordados. Os autores apresentam a composição e a derivação como os processos básicos de formação de palavras do português e os conceitos possuem um enfoque mais formal. A derivação como um processo que envolve acréscimo ou retirada de afixos e a composição como um processo que se caracteriza pela união de dois ou mais radicais.

Posteriormente, na seção intitulada “Outros processos de formação de palavras”, os autores conceituam a abreviação vocabular, a formação de siglas, as onomatopeias e, por fim, há uma seção destinada aos neologismos. Nas palavras dos autores, “neologismo é a denominação dada à palavra recém-criada ou mesmo a uma palavra que adquire um novo significado (p. 77)”. Eles salientam que os neologismos criados precisam obedecer às regras da língua para que possam ser decodificados por outros falantes.

A definição apresentada é interessante porque contempla, em certa medida, a neologia semântica, apesar de não a nomear propriamente. O fato de esse fenômeno também constituir um processo de formação de palavras não pode ser depreendido a partir deste conceito. Além disso, não há exemplos ou exercícios sobre o tema para o que o aluno o compreenda melhor.

A segunda gramática analisada, a de Mesquita, apresenta, além das seções de Fonética e Fonologia, Morfologia, Sintaxe e Estilística, uma seção intitulada Introdução à Linguística. Nesta seção, que é a primeira do livro, é abordado o conceito de signo linguístico e autor explica que ele é a união de uma expressão (ou forma) a um conteúdo (ou sentido).

Os processos de formação de palavras estão descritos na seção de Morfologia. Logo no início do capítulo, os neologismos são brevemente conceituados como um tipo de criação vocabular, não registrados nos dicionários, e que podem ou não se firmar na língua. Em seguida, são definidos os processos de derivação e composição, da mesma forma como foi

feito na gramática de Nicola e Infante. O autor também aborda, na seção “Outros processos”, o hibridismo, a abreviação vocabular (que ele também chama de redução) e a onomatopeia.

Como se pode perceber, apenas processos formais são contemplados no capítulo e as formações neológicas também não recebem muito destaque, não havendo menção à neologia semântica.

Por fim, a última gramática analisada foi a de Pasquale, que apresenta uma abordagem diferente das demais. Além de conceituar os morfemas e os processos de derivação, composição, abreviação vocabular, siglificação, palavra-valise e onomatopeia, apresenta uma seção de nome “Outras formas de enriquecimento do léxico”. Nela, há a um conceito de léxico, “é a palavra com que se costuma denominar o conjunto de palavras que integra uma língua” (p. 109), e subseções destinadas à neologia semântica e aos empréstimos linguísticos.

O autor define o neologismo semântico como “um novo significado que se soma ao que a palavra já possuía.” (p. 109) Novamente, a neologia semântica é tratada apenas como um acréscimo de significado e não como um processo de formação de palavras. Mesmo que esteja no capítulo destinado a este tema, a definição não permite que se faça essa inferência.

A partir desta análise, o que se pode concluir é que as gramáticas escolares privilegiam o estudo da forma, enquanto o estudo do sentido quase não é contemplado. Além disso, observa-se também que não há um consenso quanto aos conteúdos abordados, visto que algumas gramáticas abordam processos como o hibridismo e a palavra-valise, e outras não. Nem todas, também, conceituam termos da área como “signo linguístico” e “léxico”.

Em duas gramáticas a neologia semântica foi conceituada, mas em nenhum dos casos as definições abordaram o fenômeno em sua totalidade, nem o tratam como um processo de formação de palavras.

Comparando a análise das gramáticas com a análise dos livros didáticos, notamos que o tratamento das questões semânticas é muito semelhante. Os conteúdos formais estão

ainda em maior quantidade e recebem maior atenção. Nos livros, há capítulos que tratam de relações lexicais que não estão presentes nas gramáticas, mas mesmo assim, como será discutido no próximo capítulo, isso não é suficiente. No tocante à neologia semântica, especificamente, a abordagem é quase inexistente nos livros didáticos e muito rasa tanto nestes, quanto nas gramáticas, o que configura um problema. É preocupante constatar que os materiais utilizados em sala de aula não registrem adequadamente um fenômeno que é tão produtivo na língua.

A neologia semântica é a maneira mais simples e eficaz de produzir novas unidades lexicais, primeiro porque reutiliza estruturas formais já existentes na língua sem alterá-las, respeitando assim o princípio da economia linguística e segundo porque, ao reciclar o material já disponível, não sobrecarrega o léxico quanto à produção e ao armazenamento de novas unidades.

Ao contrastarmos essas duas análises com o que dizem os teóricos da área da Lexicologia, percebemos um grande descompasso. Enquanto há décadas os estudos apontam para a neologia semântica como processo de formação de palavras, preocupam-se em entender o fenômeno, em descrever sua complexidade, e em alertar quanto à importância do contexto, os instrumentos didáticos parecem não acompanhar esses avanços e se atêm à tradição gramatical, não renovam as abordagens, não procuram textos e exemplos mais atuais.

CAPÍTULO 4

A NEOLOGIA SEMÂNTICA E O DESENVOLVIMENTO DA COMPETÊNCIA LEXICAL

Neste capítulo, será abordada a relação entre a neologia semântica, enquanto processo de formação de palavras, e o desenvolvimento da competência lexical. Para compreender essa relação, serão discutidos também o lugar do estudo do léxico nos livros didáticos e nos programas de ensino, o conceito de competência lexical, e as particularidades do texto publicitário.

4.1 – O lugar do léxico no ensino de língua portuguesa

Antunes (2012), afirma que a gramática assumiu, no ensino língua portuguesa, um lugar hegemônico, fazendo com que aos outros componentes importantes para a linguagem, como o léxico, seja destinado um lugar marginal. Para fazer tal afirmação, a autora se baseia na análise que realizou nos livros didáticos (LD) de língua portuguesa, a partir da qual faz duas observações.

A primeira delas diz respeito à proporção entre os conteúdos gramaticais e os conteúdos lexicais nos LD's. Os conteúdos de gramática ocupam quase todas as páginas dos livros, sendo contemplados, em especial, os níveis da fonologia, da morfologia e da sintaxe. Os conteúdos relacionados ao léxico, por sua vez, estão restritos aos capítulos de formação de palavras, os quais se debruçam mais sobre a estrutura que sobre o significado das palavras.

A análise realizada neste trabalho corrobora essa observação. Percebemos que o estudo de formação de palavras dá mais enfoque à face gramatical (morfológica) dos processos, buscando uma sistematização estrutural e deixando de lado o componente semântico e, muitas vezes, as formações neológicas, optando-se por trabalhar com exemplos antigos e já cristalizados.

É curioso perceber essa diferença de tratamento porque enquanto os saberes gramaticais são finitos e são internalizados desde cedo, o léxico de um indivíduo está em expansão durante toda a sua vida e seu pleno desenvolvimento depende das situações às quais o sujeito é exposto. Além disso, o léxico possui uma grande importância para a língua, porque é nele que está expressa a identidade cultural de um povo.

A segunda observação de Antunes (2012) é quanto à profundidade da abordagem dos conteúdos lexicais. Para a autora, o estudo do léxico tem sido feito de maneira superficial, reduzida. Quanto às atividades que envolvem análise de vocabulário, elas são limitadas a explorar os sentidos básicos das palavras, aqueles já conhecidos e dominados pela maior parte dos falantes. As metáforas, metonímias e outras figuras de linguagem são tratadas apenas nos textos literários, e não são exploradas como processos que atuam na linguagem cotidiana. No que diz respeito à compreensão dos significados das palavras, a autora salienta que os processos de antonímia e sinonímia recebem mais destaque que outras relações semânticas e que pouco se explora as relações construídas pelas palavras na superfície do texto, levando o aluno a buscar os significados fora do contexto de uso. Por fim, a ênfase do estudo ainda recai sobre a correção, sobre como evitar os erros no momento de utilizar determinada palavra.

A autora deixa claro o seu posicionamento quanto à importância do ensino de léxico quando afirma:

“Me parece de extrema urgência entender que, para conseguirmos a tão apregoada competência em falar, ler, compreender e escrever, é necessário conhecer, ampliar e explorar o território das palavras, tão bem ou melhor do que o território da gramática.” (ANTUNES, 2012, p. 14)

Como também já discutido neste trabalho, as gramáticas escolares se encontram em situação semelhante à dos livros didáticos. A análise mostrou que o léxico nesses materiais aparece, principalmente, nos capítulos da seção de morfologia, especialmente naquele que aborda os processos de formação de palavras. Assim como nos LD's, as definições das gramáticas escolares são elaboradas a partir de um ponto de vista formal, que privilegiam a estrutura em detrimento do significado. O estudo do léxico se restringe aos processos neológicos, e estes são abordados de maneira superficial.

4.2 – O lugar do léxico nos documentos oficiais

De maneira a complementar as análises feitas até aqui, é importante também discutir o tratamento do léxico nos documentos oficiais da área da educação, especialmente a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e sua seção destinada à etapa do Ensino Médio.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é um documento elaborado pela Secretaria de Educação Básica do Ministério da Educação, em conjunto com as demais secretarias estaduais de educação, conselhos e outras organizações da área, que tem como objetivo estabelecer as normas norteadoras para a produção dos currículos escolares de

todas as etapas da educação básica, com ênfase nas habilidades essenciais que os alunos devem desenvolver ao longo da vida escolar.

A criação da BNCC se respalda na Constituição Federal de 1988, no artigo 210, que fala da fixação de conteúdos mínimos para o ensino fundamental e que esta deve assegurar uma educação que respeite a cultura e os valores nacionais e regionais; e também na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), artigo 26, que discorre sobre a necessidade de se ter um currículo básico comum a todas as escolas que deve ser complementado de acordo com as particularidades de cada região, sociedade e de seus educandos.

Em elaboração desde 2015, as seções do documento destinadas à Educação Infantil e ao Ensino Fundamental (1º ano 9º ano) foram homologadas em 2017 e já se encontram no processo de implementação. A versão referente ao Ensino Médio, por sua vez, foi aprovada em dezembro de 2018, depois de ser reformulada durante o ano.

De acordo com o próprio documento (BRASIL, 2018), o Ensino Médio deve promover maior inclusão social por meio do acesso à ciência, à tecnologia, à cultura e ao trabalho para os estudantes (adolescentes, jovens e adultos), que formam um público diverso, com condições de existência e perspectivas de futuro desiguais. Além disso, deve reconhecer os jovens como participantes ativos das sociedades em que estão inseridos e deve contribuir para a formação do projeto de vida do estudante, algo que o documento sinaliza ser uma necessidade da contemporaneidade.

Por essas razões, uma reformulação da organização curricular foi elaborada buscando favorecer a autonomia do estudante e também a flexibilidade, já que agora há a possibilidade de diferentes itinerários formativos, como mostra a Figura 19, a seguir:



Figura 19 - Organização Curricular do Ensino Médio - FONTE: BRASIL, 2018

A figura mostra que a BNCC é responsável pelas competências gerais da educação básica, ou seja, as habilidades básicas de cada área que são comuns a todos os estudantes. Nesta etapa de ensino são quatro áreas, a saber, Linguagens e suas tecnologias, Matemática e suas tecnologias, Ciências da Natureza e suas tecnologias e Ciências Humanas e Sociais Aplicadas. A área de Linguagens, em destaque neste trabalho, engloba os componentes curriculares Artes, Educação Física, Língua inglesa e Língua Portuguesa, este último sendo o foco da análise aqui realizada.

Cada grande área possui um conjunto de habilidades que devem ser desenvolvidas ao longo do Ensino Médio. Além disso, cada componente curricular também possui habilidade específicas que devem ser trabalhadas durante os três anos, mas não há indicação de seriação, ou seja, o documento não aponta diretamente os conteúdos e nem indica em qual ano cada um deve ser ensinado.

Os itinerários dizem respeito às escolhas que o aluno pode fazer, isto é, além dos conteúdos básicos, o estudante pode optar por se aprofundar em uma das quatro grandes áreas, acrescentando ao seu currículo mais aulas a atividades ligadas aos componentes curriculares dessa área. O ensino técnico-profissionalizante também é entendido como um itinerário, porque é uma possibilidade ofertada aos estudantes do Ensino Médio, mas não é obrigatório.

No tocante à área de Linguagens e suas tecnologias, o texto do documento aponta as diferenças entre a etapa do Ensino Fundamental e a etapa do Ensino Médio:

“A área de Linguagens, no **Ensino Fundamental, está centrada no conhecimento, na compreensão, na exploração, na análise e na utilização das diferentes linguagens** (visuais, sonoras, verbais, corporais), visando estabelecer um repertório diversificado sobre as práticas de linguagem e desenvolver o senso estético e a comunicação com o uso das tecnologias digitais. **No Ensino Médio, o foco da área de Linguagens e suas Tecnologias está na ampliação da autonomia, do protagonismo e da autoria nas práticas de diferentes linguagens;** na identificação e na crítica aos diferentes usos das linguagens, explicitando seu poder no estabelecimento de relações; na apreciação e na participação em diversas manifestações artísticas e culturais; e no uso criativo das diversas mídias.”

(BRASIL, 2018: 471; grifos nossos)

Analisando-se o trecho acima, é possível depreender que o ensino de área de Linguagens deve se valer de metodologias diversificadas, que favoreçam o protagonismo e a ação do aluno, a transdisciplinaridade, a contextualização e a criatividade.

Em seguida, o documento apresenta as competências gerais da área de Linguagens, que estão listadas a seguir:

“COMPETÊNCIAS ESPECÍFICAS DE LINGUAGENS E SUAS TECNOLOGIAS PARA O ENSINO MÉDIO

1. Compreender o funcionamento das diferentes linguagens e práticas culturais (artísticas, corporais e verbais) e mobilizar esses conhecimentos na recepção e produção de discursos nos diferentes campos de atuação social e nas diversas mídias, para ampliar as formas de participação social, o entendimento e as possibilidades de explicação e interpretação crítica da realidade e para continuar aprendendo.

2. Compreender os processos identitários, conflitos e relações de poder que permeiam as práticas sociais de linguagem, respeitando as diversidades e a pluralidade de ideias e posições, e atuar socialmente com base em princípios e valores assentados na democracia, na igualdade e nos

Direitos Humanos, exercitando o autoconhecimento, a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, e combatendo preconceitos de qualquer natureza.

3. Utilizar diferentes linguagens (artísticas, corporais e verbais) para exercer, com autonomia e colaboração, protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva, de forma crítica, criativa, ética e solidária, defendendo pontos de vista que respeitem o outro e promovam os Direitos Humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável, em âmbito local, regional e global.

4. Compreender as línguas como fenômeno (geo)político, histórico, cultural, social, variável, heterogêneo e sensível aos contextos de uso, reconhecendo suas variedades e vivenciando-as como formas de expressões identitárias, pessoais e coletivas, bem como agindo no enfrentamento de preconceitos de qualquer natureza.

5. Compreender os processos de produção e negociação de sentidos nas práticas corporais, reconhecendo-as e vivenciando-as como formas de expressão de valores e identidades, em uma perspectiva democrática e de respeito à diversidade.

6. Apreciar esteticamente as mais diversas produções artísticas e culturais, considerando suas características locais, regionais e globais, e mobilizar seus conhecimentos sobre as linguagens artísticas para dar significado e (re)construir produções autorais individuais e coletivas, exercendo protagonismo de maneira crítica e criativa, com respeito à diversidade de saberes, identidades e culturas.

7. Mobilizar práticas de linguagem no universo digital, considerando as dimensões técnicas, críticas, criativas, éticas e estéticas, para expandir as formas de produzir

sentidos, de engajar-se em práticas autorais e coletivas, e de aprender a aprender nos campos da ciência, cultura, trabalho, informação e vida pessoal e coletiva.” (BRASIL, 2018: 490)

Essas competências gerais servem como base para a construção das habilidades gerais da área de conhecimento e também de cada componente curricular. É importante salientar que as habilidades aqui analisadas são aquelas referentes apenas ao componente de Língua Portuguesa. No documento, as habilidades estão agrupadas de acordo com campos de atuação social, a saber, campo da vida pessoal, campo de atuação na vida pública, campo jornalístico-midiático, campo artístico-literário e campo das práticas de estudo e pesquisa. Há também as habilidades a serem trabalhadas em Língua Portuguesa, mas que são comuns a todos os campos de atuação, formando, então, um outro grupo.

Ao todo, somando-se as habilidades comuns e aquelas específicas de cada campo, são 54 habilidades a serem desenvolvidas ao longo dos três anos de Ensino Médio no componente curricular Língua Portuguesa. Cada habilidade foi avaliada com o objetivo de identificar quais delas abordam os conteúdos relacionados ao léxico, como formação de palavras, coesão referencial, relações lexicais (sinonímia, antonímia, polissemia, etc), neologia, estrangeirismos, entre outros. Aquelas habilidades que apresentaram alguns desses tópicos foram reunidas no Quadro 2, que se segue:

Quadro 2 – Habilidades do componente de Língua Portuguesa relacionadas ao léxico

Habilidade	Competência específica	Campo de atuação
(EM13LP02) Estabelecer relações entre as partes do texto, tanto na produção como na leitura/escrita, considerando a construção composicional e o estilo do gênero, usando/reconhecendo adequadamente elementos e recursos coesivos diversos que contribuam para a coerência, a continuidade do texto e a sua	1	Comum a todos os campos

<p>progressão temática, e organizando informações, tendo em vista as condições de produção e as relações lógico-discursivas envolvidas (causa/efeito ou consequência; tese/argumentos; problema/solução; definição/exemplos etc).</p>		
<p>(EM13LP06) Analisar efeitos de sentido decorrentes de usos expressivos da linguagem, da escolha de determinadas palavras ou expressões e da ordenação, combinação e contraposição de palavras, dentre outros, para ampliar as possibilidades de construção de sentidos e de uso crítico da língua.</p>	1	Comum a todos os campos
<p>(EM13LP10) Analisar o fenômeno da variação linguística, em seus diferentes níveis (variações fonético-fonológica, lexical, sintática, semântica e estilístico-pragmática) e em suas diferentes dimensões (regional, histórica, social, situacional, ocupacional, etária etc.), de forma a ampliar a compreensão sobre a natureza viva e dinâmica da língua e sobre o fenômeno da constituição de variedades linguísticas de prestígio e estigmatizadas, e a fundamentar o respeito às variedades linguísticas e combate a preconceitos linguísticos.</p>	4	Comum a todos os campos

<p>(EM13LP38) Analisar os diferentes graus de parcialidade/imparcialidade (no limite, a não neutralidade) em textos noticiosos, comparando relatos de diferentes fontes e analisando o recorte feito de fatos/dados e os efeitos de sentido provocados pelas escolhas realizadas pelo autor do texto, de forma a manter uma atitude crítica diante dos textos jornalísticos e tornar-se consciente das escolhas feitas como produtor.</p>	1,2	Campo jornalístico-midiático
<p>(EM13LP44) Analisar formas contemporâneas de publicidade em contexto digital (<i>advergame</i>, anúncios em vídeos, <i>social advertising</i>, <i>unboxing</i>, narrativa mercadológica, entre outras) e peças de campanhas publicitárias e políticas (cartazes, folhetos, anúncios, propagandas em diferentes mídias, <i>spots</i>, <i>jingles</i>, etc.), identificando valores e representações de situações, grupos e configurações sociais veiculadas, desconstruindo estereótipos, destacando estratégias de engajamento, visualização e explicando os mecanismos de persuasão utilizados e os efeitos de sentido provocados pelas escolhas feitas em termos de elementos e recursos linguístico-discursivos, imagéticos, sonoros, gestuais e espaciais, entre outros.</p>	1, 7	Campo jornalístico-midiático

FONTE: elaborado pela autora.

O quadro nos mostra que apenas 5 (cinco) habilidades contemplam o ensino do léxico de alguma maneira, sendo as três primeiras comuns a todos os campos de atuação e as demais pertencentes ao campo jornalístico-midiático.

A habilidade EM13LP02 aborda o léxico quando fala sobre o estudo de recursos coesivos, que contribuem para a construção de um texto coerente, organizado, escrito de forma adequada e sem repetições. A habilidade EM13LP06, por sua vez, fala mais diretamente sobre o léxico, pois aborda a seleção lexical e como as combinações de palavras podem interferir na construção de sentidos dos textos. Já a habilidade EM13LP10 engloba o léxico quando cita a variação lexical como algo a ser estudado em sala de aula. Por fim, as duas últimas habilidades, EM13LP38 e EM13LP44, abordam o léxico como um dos fatores linguísticos provocadores de sentido em textos midiáticos, sejam eles peças publicitárias ou textos noticiosos.

É possível perceber que em apenas duas habilidades (06 e 10) o léxico aparece com mais destaque, sendo que em EM12LP06 ele é central, ou seja, a habilidade é inteiramente dedicada a um assunto relacionado ao léxico. Nas demais, percebe-se que o léxico é abordado de maneira mais tangencial.

Diferentemente da seção destinada ao Ensino Fundamental, analisada por Liska (2017), as habilidades listadas para o Ensino Médio são descritas de maneira mais geral e não relacionadas, no documento, a um conhecimento específico, como por exemplo “formação de palavras” ou “ou uso dos dicionários”. Por ser uma descrição ampla, às vezes é difícil conseguir compreender a orientação da BNCC quanto a qual seria o tratamento adequado para as questões relacionadas ao léxico em sala de aula.

Outro ponto interessante é a relação entre as habilidades e as competências gerais da área de Linguagens. Essa correspondência está explicitada no documento e foi transposta para o Quadro 1 com a intenção de verificar a quais competências as habilidades que tratam do léxico se relacionam. Pode-se perceber que a competência geral 1, que discorre sobre compreender o funcionamento de diversas linguagens é a que mais aparece, totalizando 4 (quatro) ocorrências. Em seguida, as competências 2, 4 e 7 aparecem uma vez, cada uma.

Além disso, é importante verificar também se esse estudo do léxico é mais teórico ou se possibilita mais prática por parte do aluno. Quando se observam os verbos de comando, percebe-se que quatro descrições são iniciadas com o verbo “analisar” e apenas

uma com o verbo “estabelecer”. A análise é um tipo de ocupação teórica, de interpretação, enquanto estabelecer relações requer um pouco mais participação e ação por parte do aluno. Ainda assim, não é algo que estimule a criação e que coloque o aluno como protagonista.

A análise das habilidades do componente curricular de Língua Portuguesa da Base Nacional Comum Curricular da etapa do Ensino Médio mostrou que o estudo do léxico não recebe ainda muito destaque. Das 54 habilidades listadas, apenas 5, isto é, menos de 10%, abordam as questões lexicais, e dessas, somente em uma o léxico é tema central. Essa baixa representatividade talvez possa ser explicada pelas descrições abrangentes do documento, que não especifica quais conhecimentos específicos devem ser trabalhados através do desenvolvimento dessas habilidades listadas. Dessa forma, muitos tópicos significativos do estudo do léxico como formação de palavras, a renovação vocabular e o trabalho com dicionários, foram deixados de lado nessa etapa de ensino.

Outro ponto importante evidenciado pela análise dos verbos de comando das habilidades é o fato de o estudo do léxico não envolver atividades práticas, em que o aluno seja protagonista e possa criar, o que gera uma contradição com as sugestões do próprio documento. Atividades analíticas e reflexivas também são importantes, mas é preciso que os alunos entendam que é no léxico que a língua ganha vida, renova-se e reflete as mudanças pelas quais passamos enquanto sociedade. Conclui-se, então, que há ainda um caminho a ser percorrido para que o ensino do léxico ganhe destaque, centralidade, no ensino de língua.

4.3 – O ensino de léxico e o desenvolvimento da competência lexical

A partir do que foi apresentado ao longo deste trabalho, é possível perceber que o estudo do léxico não recebe a devida atenção nos materiais didáticos e programas escolares. É necessário, portanto, que esse cenário mude e que o léxico passe a ocupar um lugar central no ensino de língua materna. A pergunta que se faz, então, após essa conclusão é: qual é o objetivo do ensino de léxico?

Correia (2011) afirma que o objetivo principal seria promover a riqueza vocabular dos alunos. Por “riqueza” a autora não se refere apenas à memorização do maior número possível de vocábulos, mas sim a saber compreendê-los e utilizá-los de maneira adequada. Em outras palavras, ter um vocabulário rico seria o mesmo que ter a competência lexical bem desenvolvida.

Segundo Ferraz e Filho (2017),

“A competência lexical do usuário se caracteriza como o domínio de parte do léxico geral, no que diz respeito ao conjunto de unidades léxicas, e o domínio dos padrões lexicais, responsáveis pela realização, produção e interpretação dessas mesmas unidades, nos discursos orais e escritos, assim como para a formação de novas unidades consideradas boas ou aceitáveis ou ainda para a possibilidade de evitar a formação de unidades inaceitáveis no sistema.” (p. 10)

A partir dessa definição é possível concluir que cada indivíduo possui o seu próprio repertório lexical e que este não pode ser igual ao de outro falante da língua, porque esse repertório é construído a partir de experiências pessoais, do conhecimento de mundo desse sujeito, seu hábitos, a sociedade em que ele vive, as pessoas com ele interage, etc.

Dessa forma, quando o indivíduo inicia sua trajetória escolar, ele já traz consigo uma bagagem, já possui essa competência lexical em certo nível. O papel da escola, portanto, é desenvolver essa competência de modo que esse sujeito seja cada vez mais capaz de ampliar e manejar os seus conhecimentos sobre o léxico, e assim compreender e produzir textos melhores.

Tréville e Duquette (1996, *apud* BEZERRA, 2014) afirmam que a competência lexical engloba cinco componentes, a saber, componente linguístico, componente discursivo, componente referencial, componente sócio-cultural e componente estratégico.

O componente linguístico é aquele referente à palavra e à frase. Diz respeito a conhecer a forma (oral e escrita) da palavra, seus sentidos, estrutura, as relações morfossintáticas que estabelece com outros itens lexicais e contextos privilegiados. O componente discursivo é relativo às regras de coesão, coerência e co-ocorrência. É constituído pelo conhecimento da combinação das palavras com as séries lexicais que apresentam relações lógico-semânticas entre si.

O componente referencial é diz respeito ao conhecimento de mundo e às experiências pessoais de cada indivíduo, e permite prever as sequências lexicais mais frequentes em determinadas situações sociais. O componente sócio-cultural é conhecimento que permite ao falante empregar os itens lexicais corretamente de acordo com a situação comunicativa e entende-los como produto social. Por fim, o componente estratégico é a capacidade de manusear as palavras de maneira a solucionar problemas comunicativos, de realizar procedimentos de inferência a partir do contexto para alcançar a compreensão do texto e de construir paráfrases e definições.

Conhecer os componentes da competência lexical contribui para que, quando se trata de ensino, o professor consiga formular questões de maneira estratégica e precisa para solucionar as dificuldades apresentadas por seus alunos. No caso do estudo da neologia semântica, por exemplo, atividades que envolvam o componente estratégico da competência lexical são muito importantes porque, já que a acepção encontrada no contexto não está dicionarizada, o aluno deve ser capaz de compreender o sentido da palavra através da realização de inferências. No estudo da publicidade, os componentes referencial e sócio-cultural permitem que o aluno consiga prever o que encontrar nas peças publicitárias, porque conhece as características estruturais e também linguísticas do gênero.

Quanto ao estudo do léxico, Antunes (2012) faz algumas sugestões para o tratamento das questões léxicas em sala de aula. Dentre várias, algumas se destacam, como por exemplo trabalhar as metáforas e metonímias como recursos utilizados na linguagem cotidiana e não como processos restritos a textos literários; explorar as associações semânticas entre uma determinada palavra e outras a partir da proximidade de sentidos proporcionada pelo contexto; analisar palavras homônimas como provocadoras de humor e sátira, etc.

Duas outras recomendações da autora, essas mais gerais, também chamam atenção. Ambas estão relacionadas e a primeira diz respeito a ir além da busca pelos significados contextuais e refletir também sobre os efeitos de sentido que determinada palavra provoca no texto. Isso leva à segunda recomendação, que se refere justamente à intencionalidade comunicativa, isto é, ressaltar para os alunos que as escolhas lexicais não são feitas aleatoriamente, mas sim com um objetivo a ser alcançado.

É interessante notar que as pontuações feitas pela autora citada exploram o campo dos sentidos, o que mostra que essa área, apesar extremamente importante para a comunicação e para a compreensão e produção de textos, não é trabalhada em sala de aula de maneira satisfatória, fazendo com que muitos alunos apresentem dificuldades nos conteúdos semânticos.

4.4 – Considerações sobre o gênero publicitário

O gênero publicitário está presente cotidianamente na vida do estudante, agora não apenas na televisão e em outdoors nas ruas, mas também na internet e nas redes sociais. Pode-se dizer que essa importância já é reconhecida pelo Estado, visto que a BNCC (BRASIL, 2018) estabelece o campo jornalístico-midiático como um campo de atuação

social para os alunos dos anos finais do ensino fundamental e para os alunos do ensino médio.

Dentre os gêneros desse campo de atuação recomendados para serem trabalhados em sala de aula (p. 519), o anúncio publicitário aparece como indicação tanto para os anos finais do ensino fundamental, quanto para o ensino médio. Além de entender a estrutura do gênero, como ele se constrói, e aprender a ler peças publicitárias, o documento ainda orienta:

“Ainda com relação a esse campo, trata-se também de compreender as formas de persuasão do discurso publicitário e o apelo ao consumo, incluindo discussões sobre as formas contemporâneas de publicidade utilizadas nas várias mídias e ambientes digitais.” (BRASIL, 2018, p. 519)

A partir da leitura desse trecho, pode-se concluir que, de acordo com o documento, é importante salientar quais as estratégias utilizadas nos anúncios publicitários para que eles alcancem o objetivo de persuadir o leitor e também incluir peças veiculadas em diferentes mídias, incluindo as digitais.

4.4.1 – O termo publicidade

É válida, no contexto deste trabalho, uma reflexão sobre o termo “publicidade”. Ferraz (2010b) aponta que por muitos anos o termo “propaganda” foi utilizado com dois sentidos, o primeiro relacionado à propagação de ideias e o segundo relativo a anúncios comerciais.

Segundo o autor, esse termo, por ser encontrado em expressões tais como “propaganda política”, “propaganda estatal”, “propaganda religiosa”, entre outras, ficou associado à adesão de ideias. Ou seja, a persuasão atua de forma a fazer o leitor acreditar e compartilhar das ideias veiculadas pelo anunciante.

Dessa forma, o termo “publicidade” passou a ser empregado no contexto de anúncios comerciais, cujo objetivo é o de fazer o leitor adquirir um determinado produto ou serviço, isto é, o objetivo é realizar uma venda.

Para que a publicidade consiga alcançar seu objetivo persuasivo e modificar o comportamento do leitor, ela se utiliza de uma linguagem característica ou, como Ferraz (2010b) aponta, uma linguagem especial. De acordo com o autor, é possível identificar nessa linguagem dois aspectos:

“a) o apelo para o desejo e fantasia das pessoas, utilizando-se de imagens e vários recursos da língua, como nomes de produtos motivados, grafias exóticas, aspectos fonéticos (rima, ritmo, aliteração), aspectos lexicais (criações lexicais com tipologia

variada de neologismos), aspectos semânticos (polissemia, homonímia, ambiguidade, antonímia), etc.

b) um vocabulário especial que abarca, além de unidades lexicais de língua comum, uma diversidade de termos ligados a vários domínios, constituindo unidades terminológicas de várias áreas de especialidade” (p. 257)

Ferraz (2010b) conclui sua descrição sobre o gênero, em termos linguísticos, afirmando que o texto publicitário se constrói sob o tripé nome-adjetivo-verbo. O nome se refere à marca do produto ou serviço; o adjetivo é a qualidade que torna o que está sendo anunciado diferente dos demais presentes no mercado; e o verbo é a ação da marca para atender às necessidades do consumidor.

Ainda se pode acrescentar que, muitas vezes, a linguagem é utilizada na publicidade é utilizada de forma a criar no leitor uma sensação de novidade no consumidor, isto é, faz parecer que determinado produto ou serviço é novo, quando na verdade ele já existe no mercado.

Carvalho (2004 apud MARTINS, 2017) aponta mais uma característica dos anúncios, que se refere ao seu papel social. Segundo a autora, a publicidade seria uma ferramenta de controle social, porque “simula igualitarismo, remove da estrutura de superfície os indicadores de autoridade e poder, substituindo-os pela linguagem da sedução (p. 17)”. Isso significa dizer que a escolha lexical não é motivada pela informação que determinada palavra expressa, mas sim pela sua força persuasiva, sendo ela mais óbvia ou mais sutil.

É importante, quando em sala de aula, que o trabalho com a publicidade inclua não apenas as suas particularidades linguísticas, mas também a sua atuação social e sobre o indivíduo. O aluno deve ter consciência dessa intenção persuasiva, para que possa realizar uma leitura crítica desses textos.

4.5 – Sugestões de atividades

Nesta seção, serão apresentadas algumas propostas pedagógicas que visam congregiar os aspectos discutidos até aqui: o desenvolvimento da competência lexical, o tratamento da neologia semântica como processo de formação de palavras, o estudo do léxico de maneira contextualizada e o estudo do texto publicitário.

ATIVIDADE 1

Leia o texto que se segue:



(FONTE: Revista Veja, edição 2512, 11/01/17, p. 10 e 11)

1. Do que se trata o anúncio em questão?
2. Releia o seguinte trecho: “Sabe todos aqueles produtos incríveis que você vê nas suas revistas preferidas? Arraste para a sua casa.” Reflita sobre o verbo “arrastar”: qual o significado ele apresenta nesse contexto?
3. A partir de quais informações contextuais – textos verbais e não-verbais presentes na peça - você chegou a esse significado?
4. Consulte no dicionário o verbete referente ao verbo “arrastar”. O significado encontrado na peça publicitária está dicionarizado? Se não estiver, você consegue estabelecer alguma relação entre as acepções do dicionário e a que você encontrou na peça publicitária?
5. Levando em conta os seus conhecimentos sobre o gênero publicitário, levante hipóteses: de que forma esse uso de “arrastar” contribui para que o texto alcance seu objetivo comunicativo?

ATIVIDADE 2

Observe a imagem a seguir. Ela é uma propaganda feita pela prefeitura da cidade de Santos (SP) para alertar a população contra o abandono de animais.



Fonte: (<https://www.santos.sp.gov.br/?q=noticia/campanha-alerta-sobre-o-abandono-de-animais>)

1. A palavra PET aparece duas vezes nessa propaganda, uma vez de maneira explícita e outra de maneira implícita. Qual o significado que ela apresenta em cada uma dessas situações?
2. Quais são as informações presentes no texto que te possibilitam inferir a palavra “pet” na situação em que ela está implícita?
3. Consulte no dicionário a palavra “pet”. Os dois significados encontrados na propaganda estão dicionarizados? Algum deles é neológico? Você consegue estabelecer alguma relação entre esses significados?
4. Reflita sobre a palavra “descartável”. Como ela contribui para que a campanha atinja seu objetivo?

4. 5. 1 – Comentários sobre as atividades

A atividade 1 tem como objetivo possibilitar que o aluno faça inferências para descobrir, a partir do contexto, o significado da palavra “arrastar”. A questão que pergunta sobre as informações contextuais que o levaram a descobrir aquele significado tem o intuito de reforçar que o sentido das palavras emerge a partir de um contexto e que, portanto, ele tem papel fundamental na significação. A questão “4” sugere o uso do dicionário. Neste momento, é importante que o professor retome com os alunos como se faz uma consulta do dicionário, pois muitos apresentam dificuldade de utilizar este instrumento adequadamente.

A consulta, nesse caso, serve para que os alunos compreendam que no texto publicitário há uma ocorrência neológica e reflexão quanto à relação entre os sentidos antigos e o sentido neológico tem o propósito de reforçar a ideia da polissemia. Por fim, a última questão incita uma outra reflexão, desta vez quanto ao papel social do texto publicitário.

Alguns desses objetivos se repetem na atividade 2, que explora um caso de neologia semântica ocasionado por homonímia. Existem duas ideias principais por trás dessa atividade: a primeira é incentivar que os alunos consigam estabelecer, através de um processo consciente de inferência, o significado de uma palavra não dicionarizada, compreendendo como o contexto é determinante nesse processo. A segunda é fazer com que ele perceba que os significados dicionarizado e neológico não possuem uma relação e, por isso, são tratados como um caso de homonímia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com este trabalho, buscou-se evidenciar dois pontos principais. O primeiro é a compreensão da neologia semântica como um processo de formação de palavras no português brasileiro, talvez o mais comum processo de formação. A análise do *corpus* mostrou que a neologia semântica é frequente na língua e também que ela é complexa, no sentido de que pode ser causada por dois processos principais, a polissemia e a homonímia. O segundo ponto é o tratamento da neologia semântica nos materiais didáticos e como ela poderia ser abordada na sala de aula de português, contribuindo para o desenvolvimento lexical dos alunos de Ensino Médio.

No primeiro capítulo, o capítulo teórico, alguns conceitos-chave para este trabalho foram abordados, como o conceito de léxico, que é entendido aqui como o nível linguístico que se ocupa das palavras e, portanto, armazena as unidades lexicais de uma língua e também os padrões lexicais que permitem aos falantes compreender e produzir novas palavras. O léxico é o sistema que guarda as palavras já existentes e as palavras em potencial.

Também o conceito de neologia semântica, central neste trabalho, foi abordado. Aqui, entende-se por neologia semântica um processo que forma palavras a partir da reutilização de formas já existentes na língua, alterando apenas o seu significado, seja total ou parcialmente. O neologismo semântico, por sua vez, é o produto desse processo, uma palavra nova cuja forma se encontra dicionarizada na seleção de dicionários aqui adotada, mas cujo sentido não está registrado nestes.

A distinção entre polissemia e homonímia também foi de grande importância para análise feita posteriormente. Polissemia é um fenômeno linguístico que atribui novos sentidos a estruturas formais já consolidadas em uma dada língua, de forma que estes sentidos estejam interligados de alguma forma. No caso da homonímia, uma mesma estrutura também possui mais de um significado, mas não há relação alguma entre eles, trata-se de uma ocorrência “acidental”. Foi visto também que a polissemia pode ser causada por diversos processos cognitivos, como a metáfora e a metonímia e que sofre a interferência de outros fatores, como o contexto de uso, por exemplo.

No terceiro capítulo, em que é feita uma análise dos dados, é possível perceber que as ocorrências encontradas são, em sua maioria, formadas por polissemia, sendo apenas

quatro formadas por homonímia. Esse resultado corresponde em parte à literatura sobre o tema, que sinaliza a polissemia como causadora da neologia semântica, mas não relata casos de homonímia, algo que foi encontrado no *corpus*. Dentre as ocorrências polissêmicas, aquelas formadas por metáfora foram mais comuns que as formadas por metonímia.

Ainda no capítulo de análise de dados, foram analisadas três gramáticas escolares, com o intuito de perceber como era o tratamento da neologia semântica nesses livros. Apesar de algumas até fazerem menção ao tema, não o trataram de fato como um processo de formação de palavras, mas como um acréscimo de significado a uma palavra já existente. Há, nesses manuais, um tratamento que privilegia aspectos formais em detrimento dos aspectos semânticos.

Na análise de livros didáticos feita no capítulo 2, os resultados encontrados não diferem muito desses. Os aspectos semânticos são abordados em um capítulo diferente do capítulo de formação de palavras, fazendo com que este último também privilegie os aspectos morfológicos. Além disso, as menções à neologia semântica são poucas e ela não é tratada como processo de formação de palavras de maneira explícita. Por fim, verificou-se que os processos abordados tanto nos capítulos semânticos, quanto nos capítulos de formação de palavras dos LD's não são sempre os mesmos. Há livros que abordam a polissemia, outros, não. Há livros que abordam neologismos, outros, não. Há livros que abordam hibridismos e cruzamentos vocabulares, outros, não. O que a análise mostra é que não há um padrão sendo seguido por esses manuais didáticos.

Os exercícios também são superficiais, salvo algumas exceções, e possuem, geralmente, comandos de identificação e de nomeação de processos, deixando de lado a reflexão linguística sobre o sentido, algo crucial para a compreensão, e a oportunidade de o aluno ser mais ativo na construção de seu conhecimento a partir de atividades mais práticas.

Por fim, o último capítulo apresentou o cenário atual dos estudos lexicais no ensino básico no Brasil. É preocupante o fato de que o léxico, que ocupa um lugar central na língua, não possua este mesmo lugar no ensino de língua materna. Infelizmente, a gramática ainda é o conteúdo predominante nas aulas de português. E, quando se consulta o principal documento que fornece as diretrizes para a educação no país, a situação não é mais animadora. A BNCC, em sua seção destinada ao Ensino Médio, não contempla de maneira adequada os estudos lexicais. As orientações são superficiais, o que pode fazer com que o cenário atual não se modifique ao longo dos anos, mesmo com mudanças no currículo.

Um ponto positivo do documento, que se relaciona a esta pesquisa, é o fato de ele sugerir várias vezes o trabalho com o gênero publicitário, não só pelo viés do estudo de sua estrutura, mas também pelo viés do desenvolvimento de uma leitura crítica. O documento mostra, dessa forma, que este é um gênero considerado importante para que aluno conheça e domine, visto que é parte da sociedade em que ele vive.

As atividades apresentadas nesse capítulo têm como objetivo mostrar como a neologia semântica pode ser abordada em sala de aula, em vários momentos diferentes. Por meio delas, buscamos evidenciar a importância do trabalho com o significado, de exercícios elaborados com textos autênticos e como elas ajudariam no desenvolvimento da competência lexical.

Por tudo o que observamos, é nítido que a primazia pelos estudos formais em detrimento dos estudos semânticos tem deixado lacunas na formação de nossos alunos, sobretudo nos que cursam o Ensino Médio, fase da educação básica em que menos se encontram orientações quanto ao ensino do léxico e dos conteúdos relacionados ao significado. Além disso, as avaliações externas, como o ENEM, e outros concursos já incluem esses tópicos em suas provas.

É de extrema importância considerar a neologia semântica como processo de formação de palavras, principalmente no português brasileiro, o qual tem como chave para identificação de palavras, por parte de seus falantes, o critério semântico. O sentido é anterior à forma porque sem ele não há conteúdo, substância. É através da compreensão do significado que a comunicação se dá, que se dá o entendimento do mundo e entre as pessoas. Ao longo das nossas discussões, demonstramos que a neologia semântica é a forma mais comum e econômica de renovação lexical, o que mostra a sua alta produtividade e relevância.

A pesquisa mostrou que ainda há um longo caminho a ser percorrido para que o ensino de léxico seja contemplado da maneira adequada nos materiais didáticos e programas curriculares. Esperamos que trabalhos como este possam contribuir para essa mudança sistêmica e possam inspirar outros professores e profissionais da área da educação a se aprofundarem nos estudos lexicais e incluírem estes tópicos em suas aulas.

REFERÊNCIAS

ABAURRE, M. L. M.; PONTARA, M.; ABAURRE, M. B. M. *Português – contexto, interlocução e sentido*. Moderna: São Paulo, 2016.

ALVES, I. M. *Neologismo: Criação Lexical*. São Paulo: Ática, série Princípios, 1990.

ANTUNES, I. *Território das palavras: estudo do léxico em sala de aula*. São Paulo:Parábola Editorial, 2012.

BARRETO, R. G., et al. *Ser Protagonista: língua portuguesa*. Edições SM: São Paulo, 2016.

BASÍLIO, M. *Formação e classes de palavras no português do Brasil*. São Paulo: Contexto, 2004.

BECHARA, E. *Dicionário da língua portuguesa Evanildo Bechara*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.

BEZERRA, M. A. Leitura e escrita: condições para aquisição de vocabulário. In.: *Intercâmbio*, Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem. São Paulo: PUCSP, 1998. v. 8. Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/index.php/intercambio/article/view/4034>. Acesso em: 13 jul. 2019.

BIDERMAN, M. T. C. Conceito lingüístico de palavra. In.: BASÍLIO, M. (org.). *Palavra* 5. Série Linguagem. Vol temático I. PUC/RJ. Rio de Janeiro: Grypho, 1999. p. 81-97.

BIDERMAN, M. T. C. *Teoria linguística: teoria lexical e linguística computacional*. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BORBA, F. S. *Dicionário Unesp do português contemporâneo*. Curitiba: Piá, 2011.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Versão Final. Brasília: MEC, 2018. < <http://basenacionalcomum.mec.gov.br> > Acesso em 13/04/2019

CARVALHO, N. *Criação Neológica: teoria e prática*. 1 ed. Curitiba: Appris, 2012.

CEREJA, W.; VIANNA, C. D.; DAMIEN, C. *Português Contemporâneo: diálogo, reflexão e uso*. Saraiva: São Paulo: 2016.

CORREIA, M. Produtividade lexical e ensino da língua. In: VALENTE, A. & PEREIRA, M. T. (orgs.). *Língua Portuguesa: descrição e ensino*. São Paulo, Parábola Editorial, 2011. p. 223-237.

FARACO, C. E.; MOURA, MARUXO Jr. *Língua Portuguesa: linguagem e interação*. Ática: São Paulo, 2016.

FERRAZ, A. P. A inovação lexical e a dimensão social da língua. In: SEABRA, M. C. T. C. de. (Org.). *O léxico em estudo*. Belo Horizonte: UFMG, 2006. p. 218- 234.

_____. Neologismos semânticos na publicidade impressa: uma abordagem cognitivista. In: ISQUERDO, A. N.; FINATTO, M. J. B. (Orgs.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia. vol. IV*, Campo Grande: UFMS/UFRGS, 2010a, p. 65-80.

_____. Publicidade: a linguagem da inovação lexical. In: ALVES, I. M. (Org.). *Neologia e neologismos em diferentes perspectivas*. São Paulo: Paulistana Editora, 2010b.

FERRAZ, A.P.; FILHO, S.C.S. O desenvolvimento da competência lexical e a neologia no português brasileiro contemporâneo. In: FERRAZ, A. P. (Org.). *O léxico do português em estudo na sala de aula*. Araraquara: Letraria, 2016, p. 9-30.

FERRAZ, A.P.; LISKA, G. J. R. Processos semânticos de formação de palavras: uma abordagem pedagógica. In: *Saberes lexicais [recurso eletrônico]* - GIL, Beatriz Daruj et al (org.) São Paulo : FFLCH/USP, 2019.

GEIGER, P. (org.). *Novíssimo Aulete dicionário contemporâneo da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Lexikon, 2011.

HENRIQUES, C. C. *Léxico e semântica: estudos produtivos sobre palavra e significação*. Rio de Janeiro: Alta Books, 2018.

HOUAISS, A. (org.) & VILLAR, SALLES, M. de. (ed. resp.). *Dicionário Houaiss conciso*. São Paulo: Moderna, 2011.

LISKA, G.J.R. Léxico e ensino de palavras e sentidos na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e no Exame Nacional do Ensino Médio (Enem). IN: FERRAZ, A.P. (Org.). *O léxico do português em estudo na sala de aula II*. Araraquara: Letraria, 2017

MARTINS, E. F. Neologismos semânticos e texto publicitário: explorando o léxico do português em sala de aula. In: FERRAZ, A. P. (Org.). *O léxico do português em estudo na sala de aula*. Araraquara: Letraria, 2016, p. 31-52.

MESQUITA, R. M. *Gramática da Língua Portuguesa*. São Paulo: Saraiva, 1999.

NICOLA, J. de.; INFANTE, U. *Gramática Contemporânea da língua portuguesa*. São Paulo: Scipione, 1997.

PASQUALE & ULISSES. *Gramática da Língua Portuguesa*. São Paulo: Scipione, 1998.

SILVA, A. S. da. *O mundo dos sentidos em português: polissemia, semântica e cognição*. Coimbra: Almedina, 2006.

VALENTE, A. Criações neológicas na linguagem midiática: aspectos semântico-discursivos. In: ISQUIERDO, A. N.; DAL CORNO, G. O. M. (Orgs.) *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia, volume VII*. Campo Grande: Ed UFMS, 2014, p. 49-62.

VILLALVA, A.; SILVESTRE, J. P. *Introdução ao estudo do léxico: descrição e análise do Português*. Petrópolis: Vozes, 2014.